



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
Colegiado de Comunicação Social
Habilitação em Rádio e TV

LAUDÉCIO CARNEIRO DA SILVA
PAULO GEOVANE MAGALHÃES

PEQUENOS TRABALHADORES
Um documentário sobre o trabalho infanto-juvenil
em Retirolândia/Ba

Conceição do Coité
2013

**Laudécio Carneiro da Silva
Paulo Geovane Magalhães**

PEQUENOS TRABALHADORES
Um documentário sobre o trabalho infanto-juvenil
em Retirolândia/Ba

Memorial descritivo do vídeo documentário “Pequenos Trabalhadores” apresentado ao curso de Comunicação Social, com habilitação em Rádio e Televisão, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial de obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, sob a orientação da Profa. Dra. Rosane Vieira.

Conceição do Coité
2013

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Departamento de Educação – Campus XIV - UNEB

S586p Silva, Laudécio Carneiro da
Pequenos trabalhadores: um documentário sobre o trabalho
Infanto-juvenil em Retirolândia/BA
-- / Laudécio C. da Silva, Paulo Geovane Magalhães.
Conceição do Coité: O autor, 2013.
95fl.; 30 cm.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Rosane Vieira .
Trabalho de Conclusão de curso - TCC (Graduação) –
Universidade do Estado da Bahia,
Departamento de Educação, Conceição do Coité, 2013

1. Trabalho infantil. - exploração. 2. Trabalho-infantil-
erradicação. 3. Documentário. I. Rosane Vieira.
II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de
Educação – Campus XIV. III. Título.

CDD 331.31098142 -- 20 ed.

**Laudécio Carneiro da Silva
Paulo Geovane Magalhães**

PEQUENOS TRABALHADORES
Um documentário sobre o trabalho infanto-juvenil
em Retirolândia/Ba

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social, com habilitação em Rádio e Televisão, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial de obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, sob a orientação da Profa. Dra. Rosane Vieira.

Data: 11 de dezembro de 2013

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosane Vieira (orientadora)

Assinatura: _____

Profa. Ma. Kátia Santos de Morais /UNEB

Assinatura: _____

Profa. Daiane Silva/UFBA

Assinatura: _____

A todos que defendem os direitos de Crianças e Adolescentes. E aos
nossos familiares e amigos, por nos apoiar, incentivar e acreditar em
nossos sonhos.

AGRADECIMENTOS

Essa foi uma etapa de nossas vidas que, conjugou pesquisa, reflexão intelectual e mudanças pessoais. Por isso agradecemos primeiramente a Deus que iluminou o nosso caminho e nos fortaleceu a cada dia nessa longa caminhada, para que chegássemos até aqui, e nos mostrando que podemos ir muito mais além.

Aos nossos familiares que estiveram do nosso lado nos apoiando; aos nossos amigos que partilharam conosco, mesmo que por vezes à distância, as angústias e expectativas em torno desta temática.

A professora Dra. Rosane Vieira, pela orientação e incentivo que tornou possível a conclusão deste trabalho. Ao professor e coordenador do curso de comunicação, Tiago Sampaio, pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão e pela amizade, e a todos os professores do curso e colegas de sala, que foram tão importantes na nossa vida acadêmica.

À Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus XIV, que ofereceu as condições institucionais, viabilizando a nossa participação no curso de Comunicação Social com especialização em Rádio e TV. Além de todo apoio técnico na realização desse trabalho de conclusão, através do técnico de vídeo Rodrigo Carneiro, nosso cinegrafista e editor de imagem.

Em especial, a todas as crianças e adolescentes e seus familiares, que contribuíram de forma direta ou indiretamente com esse trabalho.

Enfim, a todos vocês, muito obrigado!

RESUMO

Este memorial descritivo relata o processo de produção e reflexão do vídeo documentário “Pequenos Trabalhadores”, que objetiva apresentar Histórias de Vida, de crianças e adolescentes que trabalham na feira livre, na lavoura do sisal e no trabalho doméstico no município de Retirolândia/Ba, localizado a cerca de 220 Km de distância de Salvador capital do estado. Na contramão do modo de representação expositivo de documentário, as histórias, que foram ouvidas no segundo semestre de 2013, possibilitam emergir as visões de mundo desses pequenos trabalhadores e expõem o impacto que o trabalho apresenta em suas vidas. Para tanto, este memorial historiciza o trabalho infantil no Brasil, apresentando sua trajetória e os principais fatores condicionantes que sustentam o trabalho laboral de crianças e adolescentes, bem como faz um levantamento da legislação vigente que trata diretamente da erradicação do trabalho infantil; discute a história de vida como método qualitativo de investigação; além de narrar de forma reflexiva e crítica o processo de produção do vídeo documentário em questão.

Palavras-chave: Trabalho Infantil. Exploração. Erradicação. Vídeo documentário. História de Vida.

“Eu quero que os seres humanos me vejam que posso ser igual a qualquer pessoa, que independente de condição financeira, independente de nada, quando nós morrer nós não vamos levar nada não ... vamos pra debaixo de sete palmos de terra” (Parte do depoimento de Jonatas Nascimento de Oliveira, um dos adolescentes entrevistado para o vídeo documentário - Pequenos Trabalhadores).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
1. INTRODUÇÃO	14
2. O TRABALHO INFANTIL NO BRASIL	20
2.1 UM GRITO DE JUSTIÇA	20
2.2 FATORES CONDICIONANTES	22
2.3 A LEGISLAÇÃO	26
3. HISTÓRIA DE VIDA COMO INSPIRAÇÃO METODOLÓGICA	29
4. A PRÁXIS DOCUMENTÁRIA	32
4.1 PRÉ-PRODUÇÃO	35
4.2 PRODUÇÃO	37
4.3 PÓS-PRODUÇÃO	41
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICES	47

APRESENTAÇÃO

Nossa escolha em produzir um vídeo documentário que trate sobre o trabalho infantil no município de Retirolândia surgiu a partir da história de vida de um dos autores deste Trabalho de Conclusão de Curso, Laudécio Carneiro da Silva, que é semelhante às histórias de crianças e adolescentes que são apresentadas no vídeo. Para tanto, tivemos a ideia de subdividir a apresentação deste memorial para que possamos narrar nossas implicações em relação ao TCC individualmente.

Eu, Laudécio Carneiro da Silva, nasci e cresci na zona rural do município de Retirolândia onde, durante parte da minha adolescência, dividia o dia entre o trabalho na lavoura de sisal e a escola. Morei até meus 19 anos com meus avós maternos, pois meus pais se separaram três anos depois que eu nasci. Minha mãe precisou ir trabalhar em Salvador e meu pai formou uma nova família. Meus avós não me obrigavam a trabalhar na adolescência, eu queria trabalhar porque via meus amigos trabalhando e ganhando dinheiro. Meus familiares permitiram, pois viam o trabalho como um instrumento de formação humana e honrosa e não de exploração.

Assim como meus amigos, eu compreendia o trabalho como um meio de aquisição de bens materiais, já que meus avós não tinham condições de dar tudo o que eu precisava.

Segundo Gomes (2002), o trabalho é uma atividade sistematizada, dirigida à satisfação da natureza humana, obtida através da identificação das necessidades dos ambientes, internos e externos, buscando equilíbrio e harmonia a partir da motivação de todas as pessoas envolvidas. Na busca pela satisfação, o homem modifica a natureza pelo trabalho, que pode ser compreendido como uma “atividade consciente e voluntária, pela qual o homem exterioriza, no mundo, fins destinados a modificá-lo, de maneira a produzir valores ou bens sociais ou individualmente úteis e satisfazer, assim, suas necessidades” (RUSS, 1994, p.207).

Ao mesmo tempo em que modificam o mundo pelo trabalho, os seres humanos também se modificam, estabelecendo relações entre si, criando e renovando culturas. Nesse sentido, o trabalho desenvolve capacidades do indivíduo e contribui para seu desenvolvimento como ser humano. Por outro lado, o modo pelo qual uma determinada sociedade se organiza para o trabalho e o tipo de relações que se estabelecem na produção podem também levar à desumanização e à alienação do ser humano.

Assim, apesar de o trabalho satisfazer algumas de minhas necessidades materiais, sentia que estava atrapalhando meu desenvolvimento físico, psicológico e educacional, ficando exposto a acidentes, ao sol, a movimentos repetitivos que comprometiam a saúde,

além de atrapalhar os trabalhos escolares que precisavam ser feitos em casa. Mas mesmo assim continuei trabalhando, pois sabia que todos os finais de semana eu teria dinheiro para comprar objetos pessoais, como roupas, sapatos, produtos de beleza, celular e mim divertir com os amigos.

Hoje, sei que esse desejo de satisfação em ter objetos advém de processo de alienação que me expõe aos caprichos mercantilistas do mundo moderno onde o campo das mídias tem o papel de seduzir, através das campanhas publicitárias altamente atrativas.

Mesmo trabalhando continuei os estudos, pois tinha o apoio dos meus avós e o desejo de superação e realização de sonhos. Na época, via muitos de meus amigos e parentes desistindo de estudar para priorizar o trabalho. Meu tio, por exemplo, desistiu de estudar logo cedo para ajudar meu avô nos trabalhos da roça, assim como alguns de meus amigos, na época. Eles perderam o interesse pelo estudo, pois, além de trabalhar para comprar objetos pessoais, tinham que ajudar os pais a comprar alimentação para o sustento da família.

No município de Retirolândia já existia o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) que começou a funcionar em 1997. Eu fui contemplado pelo programa em 2001, quando tinha 12 anos. Foi quando já participava do PETI que comecei a trabalhar na lavoura do sisal - trabalhava nas férias e sempre que não tinha aula durante a semana. Antes da minha inserção no PETI, eu estudava em um turno na escola regular e no outro, quando não estava brincando com meus amigos, acompanhava meu avô na roça, geralmente para ajudá-lo a cuidar dos animais e trabalhar na capina do plantio de feijão, milho e mandioca. A enxada do meu avô era a ferramenta de trabalho utilizada na limpeza do plantio, era pesada para mim. Então, ele comprou para mim uma enxadinha leve com o cabo feito de flecha de sisal. Eu gostava de ir com meu avô para a roça, me sentia como gente grande, que já tinha responsabilidade. Além da limpeza, ajudava a plantar e colher quando era o tempo.

Comecei a trabalhar mais na lavoura do sisal quando saí do PETI com 16 anos, a idade limite para participar do programa. Nesse tempo, os gastos pessoais eram maiores e não tinha outro meio para suprir as necessidades. Durante minha passagem no PETI através do projeto Baú de Leitura, aprendi que realizar sonhos era possível e que dependia principalmente de nossa força de vontade. Foi assim que comecei a traçar meu projeto de vida.

Na comunidade de Lagoa Grande onde morei com meus avós, via as pessoas estudar e concluir apenas o ensino médio, julgando ser o bastante. Mas não era isso que eu queria. Sonhava o tempo todo em entrar na universidade, conseguir minha independência financeira, casar, ter filhos e continuar na vida em busca de novas realizações.

Acredito que o que me fez chegar aonde cheguei foram minhas atitudes de agarrar as oportunidades, além de contar com o apoio da família e amigos. Eu gostava de trabalhar em grupo, comecei com 9 anos de idade quando participei de um grupo Esporte Mirim na minha comunidade, como coordenador. Depois, criamos um grupo de arte União da Juventude Popular que coordenei por três anos. Ambos faziam parte das ações do Movimento das Comunidades Populares (MCP) que tinha uma sede em Feira de Santana e atuava também na comunidade de Lagoa Grande. O MCP é um movimento marcado por princípios, objetivos e valores voltados para o desenvolvimento cultural e social, através da união popular e lutas coletivas.

Depois conheci o trabalho do Coletivo Municipal de Jovens que atuava no município de Retirolândia com o apoio do Movimento de Organização Comunitária (MOC) e comecei a me envolver. Em menos de três meses de atuação, fui eleito coordenador do Coletivo.

A partir do mesmo participei do projeto Juventude e Cidadania no Sertão da Bahia, realizado pela equipe de juventude do MOC. Um ano depois, fiz meu primeiro vestibular, assim que concluí o Ensino Médio, foi quando fui aprovado no curso de Comunicação Social da UNEB. Antes na minha comunidade, cheguei a trabalhar como locutor em uma rádio comunitária e foi isso, a princípio, que me fez optar por Comunicação.

A partir do meu envolvimento no Coletivo Municipal de Jovens e após ser aprovado no vestibular da UNEB, conheci a Agência Mandacaru de Comunicação e Cultura (AMAC) que atua no Território do Sisal e na Bacia do Jacuípe com o objetivo de despertar a democratização da comunicação e a valorização cultural das regiões. Nesse período, a Agência Mandacaru abriu uma seleção para jovens comunicadores atuar na Agência. Eu participei, passei e, depois de certo tempo trabalhando na Agência, me tornei Sócio e diretor financeiro e hoje atuo como conselheiro fiscal. Durante o tempo que estive trabalhando na AMAC, o Movimento de Organização Comunitária abriu uma seleção para jovens participarem como monitores do Projeto Comunicação pelos Direitos na Região Sisaleira. Foi nesse momento que vi a oportunidade de trabalhar diretamente com a garantia dos direitos da Criança e do Adolescente, fui selecionado e atuei na minha comunidade de Lagoa Grande com o projeto.

Assim que finalizou a primeira etapa do projeto Comunicação pelos Direitos na Região Sisaleira, foi aberto o processo seletivo para a eleição do Conselho Tutelar de Retirolândia. Fiz a prova e fui eleito como o conselheiro mais votado. Naquele momento, eu vi uma oportunidade de contribuir mais diretamente com a defesa dos direitos de meninos e meninas retirolandenses.

Durante o período que estive trabalhando na Agência Mandacaru, participei do Comitê Gestor pela Democratização da Comunicação no Território do Sisal, do GT de juventude do Codes Sisal e do Conselho Municipal de Juventude.

Hoje, continuo como conselheiro de juventude. Estou conselheiro do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e Do Adolescente (CMDCA), conselheiro do Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS), Presidente da Associação Comunitária de Lagoa Grande e, através da Agência Mandacaru de Comunicação e Cultura (AMAC), faço parte do Comitê Gestor Estadual do Pacto: Um Mundo para a Criança e o Adolescente do Semiárido.

Dessa forma, acredito que foram os conselhos, a AMAC, o MOC, Associação Comunitária, o MCP, os Grupos de Jovens e outros espaços por onde passei, bem como as pessoas que conheci nesse processo que me fizeram ser o que sou e a escolher, juntamente com meu colega Paulo Geovane Magalhães, a produzir um vídeo documentário para dar oportunidade aos meninos e meninas que hoje se encontram em situação de trabalho infantil inadequados para contar sua história.

Assim, esse documentário pretende dar voz aos próprios trabalhadores para que contem sobre suas vidas, mostrem suas visões de mundo e concepções a cerca do trabalho infantil. Ao compreender as possibilidades de mobilização social da produção audiovisual, percebemos que o uso desse produto artístico-midiático pode contribuir com a efetivação dos direitos da criança e do adolescente. Pois, ao representar a realidade em que vivem tais sujeitos, pode-se sensibilizar a sociedade e provocar debates que possam garantir melhores condições de vida a crianças e adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade. Com tal representação da realidade, pretendemos oportunizar reflexões, com encontros e confrontos, visões de mundo e histórias de vida.

Para a produção desse trabalho, eu, Paulo Geovane Magalhães, recebi o convite do colega Laudécio Carneiro da Silva que já havia feito a primeira pesquisa experimental sobre o trabalho infantil em Retirolândia. Analisei o projeto e percebi que seria muito interessante participar da produção de um documentário sobre essa temática, pois conhecia a realidade e a problemática que o trabalho acarreta na vida de crianças e adolescentes que trabalham prematuramente.

Vim da cidade de Tanque Novo-BA, um município onde a incidência de trabalho infantil não é tão grande, como no município de Retirolândia, porém, ao perceber tal realidade de perto e sua repercussão na vida das pessoas envolvidas, percebi que a produção de um vídeo documentário era uma proposta muito boa, pois poderíamos contribuir na provocação de diversas reflexões em toda sociedade a respeito do assunto.

Tal realidade mostra que a criança e o adolescente perdem seus direitos mais primordiais, como estudar, ter lazer, brincar e se socializar para, se tornarem adultos muito cedo.

Assim, o problema principal para a prática do trabalho infantil, está na falta de políticas públicas que promovam garantias de direitos e na sociedade que aceita tal realidade como algo normal.

Durante a pesquisa, tive a oportunidade real de me aproximar dos sujeitos pesquisados e conhecer melhor suas vidas. Com a pesquisa e a produção do vídeo documentário espero contribuir para que a sociedade reconheça esse problema e concretize políticas públicas no sentido de resolver tal problemática.

1. INTRODUÇÃO

Este memorial trata de uma produção audiovisual como produto final de uma pesquisa sobre o trabalho infantil em Retirolândia. A escolha em produzir o documentário se deve, a princípio, ao gosto que temos por esse produto artístico-midiático e pela capacidade de transformação social que uma produção audiovisual pode causar na sociedade, a partir de novas reflexões e visões de mundo.

O vídeo documentário “Pequenos Trabalhadores” trata da história de vida de crianças e adolescentes do município de Retirolândia que têm obrigações precoces e abdicam de parte da infância, devido à exploração da mão de obra infantil na feira livre, na lavoura do sisal e no trabalho doméstico.

O município de Retirolândia fica localizado no Território do Sisal, a 220 quilômetros de Salvador, capital do estado da Bahia. Sua população, segundo o censo do IBGE de 2010 é de 12.055 habitantes, dos quais 1.456 encontravam-se em situação de extrema pobreza, ou seja, com renda domiciliar per capita abaixo de R\$ 70,00. Isso significa 12,1% da população municipal. Do total de extremamente pobres, 890 (61,1%) viviam no meio rural e 566 (38,9%) no meio urbano. O censo revelou também que, no município, havia 138 crianças na extrema pobreza na faixa de 0 a 3 anos e 98 na faixa entre 4 e 5 anos. O grupo de 7 a 15 anos, por sua vez, totalizou 341 indivíduos na extrema pobreza, enquanto que, no grupo de 15 a 17 anos, havia 50 jovens nessa situação. Ou seja, 43,2 % dos extremamente pobres do município têm entre zero a 17 anos.

Do total da população em extrema pobreza no município, 31,9% se classificaram como brancos e 67,7% como negros. Outras 0,3% se declararam amarelos ou indígenas. 2,3% do total das pessoas extremamente pobres viviam sem luz, 51,5% não contavam com captação de água adequada em suas casas, 96,0% não tinham acesso à rede de esgoto ou fossa séptica, 37,0% não tinham o lixo coletado e 36,9% do total não tinham banheiro em seus domicílios.

Aqui, temos um panorama da realidade que é comum em nosso país e que acaba por fortalecer o ciclo vicioso do trabalho infantil que surge principalmente por causa da situação de extrema pobreza e exclusão social.

A erradicação do trabalho infantil é uma meta que, desde o início dos anos de 1990, vem se tornando prioridade na agenda das políticas sociais no Brasil. Porém os indicadores e a vivência mostram que essa prática ainda continua destruindo sonhos de muitas crianças e adolescentes pelo país. É possível identificar um número expressivo de crianças e adolescentes inseridos no mundo do trabalho. O trabalho infantil é considerado uma situação

indesejável, porque, segundo as legislações ligadas à criança e ao adolescente, se pressupõem que a maneira mais adequada para se atingir o pleno desenvolvimento infantil é dividir o tempo da criança entre escola e lazer.

No entanto, sabemos que o trabalho realizado por crianças e adolescentes já existe há muito tempo, antes mesmo do modo de produção capitalista. Mas foi, nesse sistema, com a revolução industrial, que houve a transformação do trabalho infantil, assumindo contornos bastante específicos com características semelhantes às do trabalho adulto, onde o uso da mão-de-obra era explorado com rigor.

[...] o uso da mão-de-obra de criança e adolescente assume características próprias. Desde o início da industrialização, um número expressivo de crianças são utilizadas na produção, porque pagam-lhes salários bem mais baixos, diminui-se os gastos com a força de trabalho (MARX, 1980, p.579).

Além disso, as condições de vida da classe trabalhadora no início da industrialização eram precárias e a sobrevivência só era garantida com a participação de toda a família. Crianças e adolescentes começavam a firmar a sua independência e a de seus pais através do trabalho nas fábricas. Algo que ainda é comum, pois ainda há inúmeras famílias em situação precária de sobrevivência que dependem, em grande escala, da contribuição da mão-de-obra infantil para sobreviver, além de os adolescentes também começarem a buscar sua independência precoce.

Na Inglaterra do século XIX, muitos movimentos e pressões sociais foram gerados devido à ausência da instrução das crianças e adolescentes trabalhadores e os efeitos nocivos do trabalho precoce.

Os movimentos e pressões da Inglaterra do século XIX culminaram com o surgimento de medidas de proteção à infância, através da regulamentação do trabalho da criança e do adolescente pelo Estado, tais como: idade mínima para admissão ao trabalho, jornada de trabalho e imposição de uma frequência escolar mínima obrigatória para as crianças e adolescentes trabalhadoras, visando atenuar suas carências em matéria de instrução (ANDRADE, 2000, p. 76).

A discussão de proteção à infância que surgiu na Inglaterra se espalhou pelo mundo, e hoje tem como foco as condições que muitas crianças e adolescentes se encontram.

Contudo, a questão do trabalho infantil emergiu com vigor no Plano Internacional ao final dos anos 1980, principalmente a partir do advento da Declaração Universal dos Direitos da Criança, em 1989, que consagrou a doutrina de proteção integral e de prioridade absoluta aos direitos da infância.

A legislação brasileira vem buscando saídas para erradicar o trabalho infantil. No Brasil, o trabalho infantil é caracterizado como aquele realizado por criança ou adolescente com menos de 16 anos, exceto na condição de aprendiz, a partir dos 14 anos, e efetuado por adolescente, com menos de 18 (dezoito) anos, que seja considerado perigoso, insalubre, penoso ou prejudicial à moralidade.

Apesar da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada em 1943, tratar do trabalho da criança e do adolescente, foi o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8069 de 13 de julho de 1990, que regulamentou o artigo 227 da Constituição Federal de 1988, que passou a ser mais eficaz na proteção integral da criança e do adolescente.

Outra contribuição relevante é a convenção nº 182 e a recomendação nº 190 da OIT (Organização Internacional do Trabalho), que tratam da proibição e ação imediata para a eliminação das piores formas de trabalho infantil, adotada pela Conferência Internacional do Trabalho, em sua 87ª Sessão em Genebra no dia 17 de junho de 1999 e a Convenção nº 138 e recomendação nº 146 da OIT sobre a idade mínima de admissão ao emprego.

Mesmo a legislação brasileira proibindo o trabalho infantil, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) mostrava em 1998 a existência de 7,7 milhões de crianças e adolescentes entre 5 a 17 anos trabalhando no Brasil (IBGE/PNAD, 1998). Recentemente o censo do IBGE de 2010, mostrou que, ainda existe mais de 3,4 milhões de crianças e adolescentes entre 10 a 17 anos em situação de trabalho.

No município de Retiro, a realidade não é diferente de grande parte do Brasil. Segundo dados do Conselho Tutelar, existe uma precariedade das condições de vida, e inúmeras crianças e adolescentes encontram-se trabalhando em situações perigosas, insalubres e extremamente danosas à sua saúde.

Os riscos de acidentes a que crianças e adolescentes estão expostos são muito grandes, visto que não alcançaram maturidade física e emocional suficiente para atuarem no mundo do trabalho. Muitas crianças e adolescentes deixam de sonhar e passam a acreditar que o trabalho é bom e divertido. Na condição de trabalhadores, crianças e adolescentes são levados a agir como adultos, porém não podem escapar do fato de que são sujeitos em desenvolvimento e o trabalho pode afetar o desenvolvimento cognitivo, emocional e físico.

Segundo Asmus *ett. alli.* (1996 *apud* CORTEZ 2005), o trabalho pode causar distúrbios à saúde e ao desenvolvimento físico da criança e do adolescente a curto, médio e longo prazo, podendo acarretar perda de visão e audição, mutilação de membros, desvios na estrutura corporal ou atrofia do crescimento. Alguns destes agravos podem levar anos para se manifestarem.

É importante observar que o trabalho também diminui o tempo disponível da criança e do adolescente para o seu lazer, vida em família, educação e para o estabelecimento de relações de convivência com as outras crianças e pessoas da comunidade.

Segundo dados do Ministério da Saúde (2005, p.8), a proporção de abandono escolar é quase três vezes maior entre as crianças e adolescentes que trabalhavam, quando comparados aos que não trabalhavam. Há maior frequência de problemas no desempenho escolar entre as crianças e adolescentes do sexo masculino e de saúde entre as do sexo feminino.

No contexto histórico de Retirolândia, muitas organizações sociais se preocuparam com a situação de risco e vulnerabilidade que se encontravam muitas crianças e adolescentes. Juntas com outras organizações do Território do Sisal iniciaram um processo de mobilização e articulação para a implantação do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), em 1997. Um programa do Governo Federal implantado com o objetivo de retirar as crianças e adolescentes, de 7 a 15 anos, de atividades determinadas como trabalho infantil. O programa vivenciou grande expansão nos anos iniciais, porém, nos últimos anos, é marcado por estagnação e pouco recursos para a realização das atividades, provocando o retorno de muitas crianças e adolescentes ao trabalho.

Diante da situação de trabalho infantil em que se encontra o município de Retirolândia, o vídeo documentário tem como objetivo mostrar as histórias de vida de crianças e adolescentes trabalhadores, dando-lhes voz para expressar suas visões sobre o trabalho infantil e o impacto que o trabalho apresenta em suas vidas.

Para a compreensão da relevância do documentário, tendo em vista o que já foi levantado até aqui, este memorial discute nos próximos capítulos, o trabalho infantil no Brasil, apresentando sua trajetória e os principais fatores condicionantes que sustenta o trabalho laboral de crianças e adolescentes. Faz um levantamento da legislação vigente que trata diretamente da erradicação do trabalho infantil e regulamentação do trabalho decente. Bem como discute a história de vida como método qualitativo de investigação tendo em vista a escolha desse método para a realização do documentário, além de discutir o processo de produção, destacando o caminho que foi trilhado para a realização da produção do vídeo.

Para tanto, se tratando diretamente da produção do vídeo, foi desenvolvida uma pesquisa exploratória para conhecer os protagonistas das histórias e se aproximar do fato estudado.

Para Gil (1991), a pesquisa exploratória proporciona maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito. Logo, o foco não foi a quantidade dos discursos, mas a radicalidade obtida através de entrevistas não estruturadas.

O uso de entrevista como técnica de pesquisa levou em conta a compreensão de história de vida por meio da história oral que consiste em utilizar a narrativa e o depoimento, como técnica de apresentação da experiência vivida. Para Benjamin (1994, p. 201), na narrativa, “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros”.

A concepção de depoimento aqui mencionado deve ultrapassar a conotação jurídica onde se originou, e ser compreendida; através das Ciências Sociais. Para Queiroz (1991, p. 7), dentro das Ciências Sociais, depoimento “significa o relato de algo que o informante efetivamente presenciou, experimentou, ou de alguma forma conheceu, podendo assim certificar”.

Em se tratando da dimensão narrativa do conteúdo do documentário, é destaque o modo participativo/interativo. Segundo Bill Nichols (2005), como já foi destacado, “no documentário participativo, a entrevista representa uma das formas mais comuns de encontro entre cineasta e tema” (NICHOLS, 2005, p. 159).

Quando assistimos a documentários participativos, esperamos testemunhar o mundo histórico da maneira pela qual ele é representado por alguém que nele se engaja ativamente, e não por alguém que observa discretamente, reconfigura poeticamente ou monta argumentativamente este mundo (NICHOLS, 2005, p. 154).

Assim, não se trata de uma cópia legítima do que existe, ou de uma verdade absoluta, mas de uma representação do mundo em que vivemos.

[...] ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares (NICHOLS, 2005, p. 47).

Com relação à história de vida, pode-se dizer que se tornou um método de investigação qualitativo muito usado nas Ciências Humanas e Sociais. Por meio do relato de histórias de vida, podemos caracterizar a prática social de um grupo, o que possibilita a compreensão da realidade e definição de atitudes. Nesse sentido, “(...) histórias de vida, por mais particular que sejam, são sempre relatos de práticas sociais: das formas com que o indivíduo se insere e atua no mundo e no grupo do qual ele faz parte” (BERTAUX, 1980 apud SANTOS, 2003, p. 03).

As histórias de vida das crianças e adolescentes de Retirolândia, apesar de ser histórias individuais, representam muitas histórias espalhadas pelo nosso país, de crianças e adolescentes que têm seus direitos negados sem acesso ao exercício da cidadania plena.

Cidadania, aqui, deve ser compreendida como um conjunto de direitos, que dá a pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo e, por outro lado, o conjunto de deveres que são assumidas enquanto cidadão que é parte integrante de uma nação, além de representar a necessidade de reconhecimento de novos direitos. Segundo Peruzzo (2001, p. 153), “ser cidadão implica ter direitos no campo da liberdade individual, na participação no exercício do poder político e no usufruto de um modo de vida digno”.

No entanto, é importante ressaltar que a sociedade como a concebemos, segundo Castoriadis (1982), é feita com base em contradições históricas que norteiam nossas relações. A cidadania plena de direitos adquiridos a muito custo deve ser revista já que o capital visa ao acúmulo de riquezas para os donos do poder econômico e não à igualdade social.

Assim, ao discutir o acesso a cidadania plena, vale ressaltar também que nada é neutro, ou desprovido de intencionalidades. Os direitos à cidadania plena são constantemente adquiridos através de um processo conflituoso de forma lenta e gradual e não de forma neutra ou sem concessões. Ou seja, exercício da cidadania está em permanente construção como um referencial de conquista da humanidade, através daqueles que sempre lutam por mais direitos, maior liberdade, melhores garantias individuais e coletivas.

Portanto, diante de tais discussões a cerca de concepções metodológicas, sociais e científicas, partiremos para o desenvolvimento desse trabalho, aprofundando cada discussão apontada até aqui.

2. O TRABALHO INFANTIL NO BRASIL

Mesmo com as legislações vigentes que tratam da erradicação do trabalho infantil e da regulamentação do trabalho decente em nosso país, milhares de crianças e adolescentes vivem em situações precárias, insalubres e de risco no contexto de trabalho, demonstrando que o trabalho infantil no Brasil é permeado por dificuldades quanto ao seu enfrentamento que envolve política econômica, educacional, social e da saúde.

Neste capítulo, abordaremos a realidade brasileira no que diz respeito ao trabalho infantil, apresentando as principais discussões sobre o tema, destacando os fatores condicionantes dessa dura realidade, além de apresentar os principais instrumentos legais vigentes no país que tratam da garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes.

2.1 UM GRITO DE JUSTIÇA

Ainda hoje no Brasil, nascer branco, negro ou indígena, no Semiárido brasileiro, na Amazônia, no centro ou na periferia das grandes e pequenas cidades, ser garota ou garoto, ter ou não ter algum tipo de deficiência, determina oportunidades. Essas são circunstâncias de vida e características de identidade. Porém, por processos históricos, constituíram-se em fatores de desigualdades que teimam em persistir no país, até os dias atuais.

Ao se analisar o contexto em que vivem as crianças e os adolescentes trabalhadores no Brasil, visualiza-se que o trabalho infantil está associado, embora de modo não restrito, à pobreza, à desigualdade, à exclusão social existente no país e, em grande escala, aos fatores apresentados no parágrafo acima. O trabalho, na maioria das vezes, é uma regra, que se apresenta como prestação e troca com a família. Para Campos (1991, p. 53), “a família proveria a moradia e a comida enquanto que as crianças e adolescentes a ajudariam em troca destes bens”.

Para Pires (1988),

A utilização precoce do trabalho infantil vai limitar-lhe as possibilidades de melhoria da escolarização fazendo com que ele reproduza as mesmas condições de vida de seus pais. Fecha-se assim, um círculo vicioso no qual as próprias estratégias utilizadas na organização da vida familiar contribuem para que se reproduzam certos elementos da situação de trabalho e por extensão, a posição desse grupo na estrutura social (PIRES, 1988, p.56).

Existe um risco muito grande nessa passagem forçada à vida adulta, pois não há um preparo necessário para tal, o que provoca sérios problemas também de saúde. Desta forma,

possivelmente serão, adultos desempregados, sem acesso a saúde, moradia digna e outros direitos básicos, sendo obrigados a enfrentar um mercado de trabalho muito competitivo, sem preparo necessário para conseguir entrar no mercado. Segundo o UNICEF (2000, p. 8), o trabalho também prejudica gradativamente a permanência das crianças e adolescentes na escola, provocando trajetórias erráticas de evasão e retorno ao sistema escolar, com sucessivas reprovações e atraso etário com relação à série cursada, culminando com o abandono definitivo dos estudos.

Para o Ministério do Trabalho e Emprego (2000, p.30), o trabalho na infância e adolescência também se encontra associado aos valores culturais que provocam uma aceitação social do trabalho precoce. Com a criação de mitos e crenças de que o trabalho evitará a permanência das crianças e adolescentes nas ruas, reduzindo o índice de delinquência infanto-juvenil. Com essa ideia, faz-se de conta que o trabalho não é prejudicial ao desenvolvimento infanto-juvenil.

Segundo o MDS/ÍNDICE, 2004, o fenômeno do trabalho infantil no Brasil, até a década de 1980, não era reconhecido como negativo pela sociedade brasileira, persistindo a concepção que o “trabalho é solução para a criança e o adolescente”. Para a classe rica, o trabalho infantil consistia numa medida de prevenção, enquanto que, para os pobres, era uma maneira de sobrevivência. “A criança e o adolescente trabalhador era sinônimo de virtude, e aprender a brincar, divertir-se e vivenciar o caráter lúdico e contemplativo de algumas atividades, era perda de tempo” (MDS/ÍNDICE, 2004, p.47).

Apesar de ter apresentado uma redução considerável nos últimos anos, o trabalho infantil ainda atinge, segundo dados do IBGE/PNAD (2009), 4,2 milhões de pessoas na faixa etária de 5 a 17 anos, representando 9,79% da população nesta faixa etária. Enquanto que a Bahia representa 13,44 % desses trabalhadores, ocupando a 6ª posição no ranking.

No Brasil, se observado o acesso à educação por gênero nos últimos censos do IBGE, é possível identificar que meninos e meninas têm acessos semelhantes à escola. Entretanto, a incidência de trabalho infantil é mais elevada entre os meninos, mesmo considerando que as meninas são frequentemente empregadas em atividades domésticas em substituição às suas mães que estão inseridas no mercado de trabalho.

É importante considerar, aqui, que o trabalho para a criança e o adolescente, segundo estudo da OIT (2006), constitui também a base de acesso à esfera de consumo, ainda que em patamares mínimos, dos bens valorizados socialmente e que os pais não podem financiar.

Assim,

[...] as ações voltadas para a erradicação do trabalho infantil e para a construção de um trabalho protegido para adolescentes devem se fazer acompanhado de um processo de avaliação e de posterior reestruturação do sistema público educacional, de forma que a torne qualitativamente atraente (OIT, 2006, p. 17).

Além disso, segundo Berzoini (2005 *apud* REZENDE 2008, p.69), é importante também a geração de trabalho, emprego e renda decente para as famílias, “integrado a uma política de investimentos públicos e privados geradoras de mais e melhores oportunidades”.

Em nosso país, foi criado um programa específico de enfrentamento ao problema do trabalho infantil, o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). O PETI foi implantado em 1996, com o objetivo de “retirar crianças e adolescentes de 7 a 15 anos de idade do trabalho considerado perigoso, penoso, insalubre ou degradante” (Manual de Orientação PETI, BRASIL, 2002, p.2).

Inicialmente, o PETI atendeu o Estado de Mato Grosso do Sul devido ao elevado índice de trabalho infantil em carvoarias e na colheita de erva-mate. Posteriormente, em 1997, o programa foi implantado nos estados de Pernambuco e Bahia, chegando primeiro no território do sisal onde está localizado o município de Retirolândia. Logo depois foi implementado nos demais estados brasileiros.

O programa funciona articulado com as três esferas de governo em diversos setores, como a educação, a assistência social e a saúde. Nos primeiros anos, o programa conseguiu impactar significativamente a realidade, eliminando boa parte do trabalho infantil, porém, nos últimos anos, não tem sido tão impactante, pois houve uma estagnação e diminuição de recursos, impossibilitando a realização das atividades e o atendimento qualificado dos usuários.

Dessa forma, muitas crianças e adolescentes continuam trabalhando em situação perigosa, insalubre e degradante. Em Retirolândia, onde o vídeo foi produzido, essa realidade persiste, principalmente, nas feiras livres, na lavoura do sisal e no trabalho doméstico.

2.2 FATORES CONDICIONANTES

Para reforçar o que já foi apresentado até aqui, apresentamos um estudo do UNICEF (2000) sobre o trabalho infantil com alguns fatores condicionantes destacados pela literatura desse tema, que podem ser observados através de duas perspectivas complementares: a da “oferta” de mão de obra e a da “demanda”.

Na perspectiva da “oferta” de trabalho pelas crianças e adolescentes, quatro fatores foram destacados: 1) a pobreza, que obriga as famílias a ofertar a mão-de-obra dos filhos pequenos; 2) a ineficiência do sistema educacional brasileiro, que torna a escola desinteressante para os alunos e promove elevadas taxas de repetência e evasão; 3) o sistema de valores e tradições da nossa sociedade, fortemente marcado pela “ética do trabalho” e 4) o desejo de muitas crianças e adolescentes de trabalhar desde cedo.

A pobreza que aparece como o primeiro condicionante do trabalho infantil foi destaque nos depoimentos dos adolescentes, durante as gravações do vídeo documentário. O baixo nível de renda da família é, muitas vezes, insuficiente para assegurar a sobrevivência, levando crianças e adolescentes a ingressarem precocemente no mercado de trabalho, sobretudo em empregos não formais, com trabalhos pouco qualificados e sem perspectivas profissionais.

Nas entrevistas que fizemos com crianças e adolescentes para a produção do vídeo documentário, ficou claro que o desejo de trabalhar precocemente, tem relação direta com as condições de sobrevivência que a família se encontra e com o interesse de obter dinheiro para suprir desejos pessoais.

Ainda que a pobreza das famílias seja base de todo o processo de exploração da mão-de-obra infantil, outros fatores as levam a ofertar a sua força de trabalho desde cedo. Por exemplo, a ineficiência e a má qualidade do sistema educacional brasileiro, que ainda precisa passar por uma grande reforma, pois também constitui um importante condicionante do trabalho precoce.

Mesmo o exercício do trabalho prejudicando a frequência escolar conforme estudos realizados pela Pesquisa Nacional de Amostra a Domicílio (PNUD), Madeira, (1993, p. 78) destaca que outra relação, em sentido contrário, também deve ser reconhecida, são os problemas internos ao sistema escolar que desempenham um papel decisivo nas altas taxas de repetência e evasão entre as crianças e adolescentes das classes populares, expulsando-as do mundo escolar e promovendo a sua inserção prematura no mundo do trabalho.

Alguns estudos que tratam do *fracasso escolar* apresentam mecanismos que levam ao baixo rendimento escolar dos alunos de famílias mais pobres.

Segundo Mello (1982. p.9), por exemplo, os currículos escolares têm como base as experiências cotidianas e a cultura das crianças e adolescentes das classes economicamente favorecidas, sendo inadequados ao ensino das crianças mais pobres, reduzindo o seu interesse pelos estudos. Não existe, assim, uma educação contextualizada, que traga um pouco da

realidade dos próprios alunos, a não ser alguns poucos projetos pedagógicos que são colocados em práticas.

Para Kramer (1982. p, 60), a ineficiência dos métodos de ensino baseados na cultura livresca e na tradição verbalista, são extremamente nocivas às crianças e adolescentes que veem dos meios mais pobres e não dominam satisfatoriamente o aparato lingüístico exigido pela “norma culta”, estando fadadas ao fracasso num ambiente onde a palavra é o principal instrumento.

Ainda que sejam literaturas de alguns anos atrás, vale ressaltar que nos dias atuais, a realidade ainda não é tão diferente, pois algumas das crianças e adolescentes entrevistadas para o documentário falaram que não gostavam de estudar porque a escola não era atrativa e os professores escreviam e liam muito, tornando as aulas desinteressantes para eles.

Talvez se os professores desenvolvessem a práxis como ação educativa, e não fossem meros repetidores de conceitos, mas pessoas que pode pensar e repensar suas práticas, e fazer com que os alunos interajam, interfiram e até ensinem algo que suas vivências possam trazer de prático, objetivo e inovador, a realidade seria outra. Quando o professor muda de posição de observador, dono da sabedoria e passa ao status de aprendiz, a revolução se dá de dentro para fora, e seus conceitos são redefinidos em uma ação prática e produtiva.

Tal mudança de postura corresponde a uma relação entre os processos formativos e a práxis educativa como totalidade capaz de promover a formação de docentes autônomos, críticos e emancipados.

É necessário que os alunos se tornem sujeitos ativos, pois, segundo Vázquez (1980, p. 245), por meio da práxis, o sujeito ativo pode mudar uma matéria prima dada, por meio de suas atitudes impulsionadas pelas experiências teóricas adquiridas de forma consciente ou mesmo inconsciente durante sua vida que foram passadas ao longo da história.

Sendo assim, o que vai orientar a mudança na prática educativa é a práxis, que segundo a definição de Konder (1992, p.115) , é uma atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva, transformando-se a si mesmos. É a ação que, para se aprofundar de maneira mais conseqüente, precisa da reflexão, do auto questionamento, da teoria, e é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, comparando com a prática.

Por fim, outros fatores condicionante do trabalho infantil ligados à oferta, são os padrões culturais e comportamentais estabelecidos nas classes populares, que levam à construção de uma visão positiva acerca do trabalho de crianças e adolescentes.

Para além de uma necessidade, no âmbito das estratégias de curto prazo para assegurar a sobrevivência da família, o trabalho precoce é também valorizado como um espaço de socialização, onde as crianças e os adolescentes estariam protegidos do mundo das drogas, da permanência “nas ruas” e da marginalidade.

Esses valores atribuídos pelos padrões culturais, historicamente foram passados de geração em geração, hoje esta visão também é defendida por algumas crianças e adolescentes que defendem o trabalho infantil, justificando como algo bom para o desenvolvimento pessoal e profissional.

Um adolescente que foi entrevistado para o vídeo documentário, por exemplo, em uma parte de seu depoimento, defende o trabalho infantil e justifica que o trabalho dá sentido à vida: “eu quero trabalhar, eu quero ter um sentido de vida, eu quero que as pessoas me vejam como um ser humano como qualquer outro, independente de condição financeiras, independente de nada, quando nós morrer nós não vamos levar nada não” (parte do depoimento de Jonatas Nascimento de Oliveira, um dos adolescentes entrevistados para o vídeo).

Já na perspectiva da “demanda”, destacam-se dois elementos: 1) a estrutura e a dinâmica do mercado de trabalho, que possui espaços apropriados para incorporação deste tipo de mão de obra; e 2) o aparato jurídico-institucional encarregado de estabelecer e fazer cumprir as normas legais referentes ao trabalho infantil.

No tocante à estrutura do mercado de trabalho, são várias as razões que explicam a preferência pela contratação da mão-de-obra infantil. Além do custo mais baixo desta força de trabalho, outros atrativos são, de um lado, a sua incapacidade organizacional e o baixo poder de reivindicação, possibilitando ao empregador manter um controle mais estrito sobre a força de trabalho; de outro, as características biológicas, que tornam as crianças e adolescentes mais apropriados para o exercício de determinadas tarefas em contextos tecnológicos específicos.

Com relação à estrutura do mercado de trabalho agrícola, especificamente, vale ressaltar algumas considerações, já que ele, segundo Duarte (1993), é o responsável pela absorção da maior parte da força de trabalho infantil no Brasil. Segundo Duarte (1993), a maior participação infantil nas atividades econômicas rurais deve-se às formas vigentes de organização da produção agrícola, que ainda utilizam em larga escala a mão-de-obra familiar, fazendo com que a criança e adolescente comece cedo a colaborar com os demais membros da unidade doméstica de produção, seja para a subsistência, seja para a comercialização direta no mercado.

Já o trabalho doméstico, que é realizado geralmente por meninas, constitui freqüentemente uma forma de exploração oculta. Na maioria das vezes, as condições de vida e trabalho são inadequadas, muitas meninas dormem no emprego, condição que favorece uma jornada de trabalho extremamente alongada e muitas chegam a sofrer humilhações e abusos sexuais.

Em 2001, o IBGE constatou a existência de 494.002 crianças e adolescentes no trabalho doméstico no Brasil, sendo 45,1% na faixa etária de cinco a 15 anos. Esse tipo de trabalho existente em todo território nacional acontece em condições de grande exploração e sem registro formal.

O último condicionante do trabalho infantil é marco jurídico e o sistema de fiscalização estatal encarregado de fazer cumprir as leis.

Apesar de o Brasil dispor de um aparato legal sofisticado e plenamente harmonioso com as convenções internacionais referentes ao trabalho infantil, o país não conta com um sistema de fiscalização suficiente para assegurar o seu cumprimento.

Para o UNICEF (2000), as ações no plano da fiscalização e repressão do trabalho ilegal de crianças e adolescentes somente poderão ter uma eficácia duradoura se estiverem articuladas a iniciativas de cunho social e educacional, que contemplem as diversas dimensões e fatores condicionantes deste problema.

Assim, tais perspectivas apresentam sistematicamente os fatores condicionantes que sustenta o uso da mão de obra infantil em nosso país.

2.3 A LEGISLAÇÃO

A questão jurídica acerca do trabalho de crianças e adolescentes é definida na Convenção das Nações Unidas sobre os direitos da criança e do adolescente, adotada em 20 de novembro de 1989, na Consolidação das Leis do Trabalho de 1943, na Constituição Federal de 1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 e na Lei 10.097/00 sobre o adolescente aprendiz.

O Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), juntamente com o Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil, também estabeleceu, em 2000, diretrizes para o enfrentamento do problema, e, em 2004, foi feito um Plano Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil e de Proteção do Trabalho do Adolescente pela Comissão Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil (CONAETI), reativada pela Portaria nº 952 de julho de 2003 do Ministério do Trabalho e Emprego.

No Brasil, instituiu-se a idade mínima de 12 anos para a entrada no mercado de trabalho em 1891. As Constituições de 1934, 1937 e 1946 ampliaram a idade mínima para 14 anos. Porém, em 1967, em plena ditadura militar, o limite foi reduzido novamente para 12 anos.

Porém, em 1988, a Constituição Federal, no artigo 227, definiu em 14 anos a idade mínima para a admissão ao trabalho, proibindo a realização desta atividade antes disso, salvo na condição de aprendiz. Contudo, dez anos depois, esta norma foi modificada pela Emenda Constitucional Nº 20, que se refere à Reforma da Previdência Social. Datada de 16 de dezembro de 1998, esta emenda eleva para 16 anos a idade mínima para o trabalho, fixando também em 14 anos a idade mínima para o trabalho na condição de aprendiz.

A Consolidação das Leis do Trabalho, em sua versão original, datada de 1943, definia a idade mínima para o trabalho em 14 anos. Mas, com a aprovação da Emenda Constitucional Nº 20, todas as disposições da CLT a este respeito foram automaticamente modificadas. A CLT inclui também toda uma estrutura legal de decretos, portarias e resoluções para tratar dos mais variados aspectos que a proteção ao trabalho infantil enseja, entre eles, o quadro de serviços e locais perigosos em que o adolescente não pode trabalhar; normas relativas à segurança e à saúde do trabalhador; à aprendizagem e à regulamentação das agências de formação profissional, entre outros.

Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), sancionado através da Lei 8.069 de 1990, especifica os direitos de crianças e adolescentes no que diz respeito à vida e à saúde, à liberdade, ao respeito e à dignidade, à educação, cultura, esporte e lazer, e à profissionalização e proteção no trabalho. Além de fixar a idade mínima para o trabalho em regime de aprendizagem em 14 anos, o ECA proíbe o trabalho de crianças e adolescentes em condições noturna, perigosa, insalubre ou penosa, realizado em locais prejudiciais à sua formação e ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social; realizado em horários e locais que não permitam a frequência à escola. O Estatuto estabelece que a aprendizagem profissional deva ser vinculada às diretrizes e bases da legislação educacional.

O ECA também explicita, claramente, a condenação legal contra toda e qualquer forma de ameaça ou violação desses direitos, sob forma de violência, exploração, discriminação ou negligência, responsabilizando o Poder Público pela implementação de políticas sociais “que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência” (Art. 7º).

O Estatuto assegura a criança e ao adolescente o direito à convivência comunitária e familiar, à livre expressão de opiniões e crenças, o direito de brincar, de praticar esportes e de

se divertir. Cabendo aos adultos preservar-lhes a integridade física, moral e psíquica, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento ou constrangedor.

Para fazer valer os direitos da criança e do adolescente, o Estatuto também determina a criação de um sistema de garantia de direitos e de proteção integral, o que significa dizer que não apenas descreve os direitos, mas cria mecanismos para que os mesmos possam ser assegurados na prática. Entre os mecanismos criados, estão os Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente e os Conselhos Tutelares, tratados pelos Artigos 88, 131 e 132 do ECA. Esses Conselhos são co-responsáveis no processo de erradicação do trabalho infantil tendo principalmente a participação maciça da Sociedade Civil.

No entanto, a participação da sociedade civil nos Conselhos, se analisada a realidade de Retirolandia, ainda é precária em muitos sentidos. Um aspecto importante é que a população que mais necessita das políticas sociais não conhece estas instâncias e tão pouco a sua importância para ela.

Dessa forma, a efetivação de políticas públicas que estimulem o desenvolvimento da criança e do adolescente e os ponham a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor, como está posto no ECA, ficam comprometidas. Se não existirem políticas públicas, em quantidade e qualidade, a criança e o adolescente estarão impossibilitados de exercer direitos de cidadania, perpetuando-se processos viciosos de exclusão em que as dificuldades sócio-econômicas, o analfabetismo, a violência e o trabalho infantil fazem do artigo 227 da Constituição Federal de 1988, um dispositivo inaplicável e o espaço de cidadania uma miragem.

3. HISTÓRIA DE VIDA COMO INSPIRAÇÃO METODOLÓGICA

Neste capítulo, discutiremos a fundamentação teórica de História de Vida como método de investigação qualitativa, apresentando as principais concepções científicas sobre o uso desse método na pesquisa. O método de investigação por meio da História de Vida foi utilizado na produção do vídeo documentário, como inspiração metodológica que fez aproximar os sujeitos entrevistados a nós, pesquisadores.

Segundo Deslandes, (1994), a pesquisa qualitativa preocupa-se com uma realidade que não pode ser quantificada, respondendo a questões muito particulares, trabalhando um universo de significados, crenças, valores que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Durante nossa primeira pesquisa de campo, onde visitamos inicialmente a feira-livre, nos atentamos justamente aos cuidados com as particularidades dos sujeitos que estávamos pesquisando, pois não era nosso objetivo buscar números de quantos trabalhavam, mas ouvir os pontos de vista de cada sujeito, levando em consideração suas crenças e valores individuais e sociais. Portanto antes mesmo de fazermos os primeiros contatos, ficamos de longe observando como cada um daqueles sujeitos se comportavam durante o trabalho.

Foi a partir dessa observação, que nos sentimos mais seguros ao nos aproximar dos pequenos trabalhadores. inicialmente, eles ficaram um pouco assustados, mais depois que falamos do que se tratava a pesquisa, eles se envolveram completamente dando as primeiras informações sobre suas vidas, enquanto nós íamos escrevendo.

Assim, devido à escolha que fizemos do objeto pesquisado, a pesquisa qualitativa, juntamente com a História de Vida, foi a abordagem metodológica que julgamos mais adequada, pois permitiu captar as singularidades do estudo.

Na pesquisa qualitativa com abordagem de história de vida, segundo Polit (1995, p. 38), não existe limite ou controle imposto pelos pesquisadores. O que interessa nessa abordagem é o indivíduo e seus ambientes em sua complexidade: “baseia-se na premissa de que os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com a descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida por seus próprios atores”.

No caso de nossa investigação, por exemplo, não buscamos defender nosso ponto de vista, mas dar oportunidade às pequenas vozes para que contem suas verdades e apresentem suas defesas acerca do tema de forma livre e sem interferência do pesquisador. O nosso papel, durante as entrevistas, foi ouvir as crianças e adolescentes e, em alguns momentos, pedir

esclarecimentos sobre os fatos que iam sendo apresentados, mas, deixando-os a vontade para falar sobre sua vida ligada ao assunto pesquisado.

Para Glat, (1989), o objetivo desse tipo de estudo é justamente apreender e compreender a vida conforme ela é relatada e interpretada pelo próprio ator.

Ainda que as histórias sejam particulares, elas acabam por representar práticas sociais de um grupo, apresentando valores, definições e atitudes que diz respeito à vida de outros sujeitos que vivem nas mesmas condições, em outra parte do mundo. É o caso dos sujeitos que escolhemos para contar suas histórias no vídeo. Apesar de serem poucos os entrevistados, eles acabam por representar outras tantas vozes semelhantes.

As crianças e os adolescentes trabalhadores com seus relatos pessoais, são capazes de mostrar uma realidade que acontece em diversas parte do mundo. Seus relatos remete a interpretações e reflexões pessoais que vem representar sujeitos que sonham por melhores condições de vida.

Segundo Bertaux, (1980 apud SANTOS, 2003, p. 3), é importante ressaltar que “no momento em que o sujeito está relatando um fato, ele não está apenas relatando, mas tendo a oportunidade de refletir sobre aquele momento”. Essa reflexão sobre o fato narrado foi possível observar como pesquisadores durante as gravações das entrevistas, em que percebíamos nas expressões emocionais e, nos silêncios dos entrevistados o quanto aquele momento estava sendo refletido por eles.

O adolescente Jonatas Nascimento de Oliveira, por exemplo, chorou em vários momentos da entrevista enquanto relatava sobre sua vida. Com certeza, enquanto estava relatando, também estava refletindo e sentido as emoções daquele momento vivido e de cada palavra expressada.

Desta forma, o cotidiano das pessoas é retratado por meio de suas histórias de vida. O cotidiano é entendido aqui, segundo Cipriane (1983 apud SANTOS, 2003, p. 4), como o momento em que:

[...] é recebido (pelos atores sociais) como o tempo/ espaço/ ação do idêntico sempre igual a si mesmo; e no entanto é também o concreto, o tempo e o espaço das ações que nos pertencem mais, a dimensão social mais investida de significação de desejos individuais, um campo que longe de ser uma repetição monótona parece carregado de férteis microeventos.

Nesse sentido, o cotidiano é carregado de significações, que são renovadas a cada instante que se caracteriza, de acordo com D’Epinay (1983 apud SANTOS, 2003, p. 4), como o lugar das negociações do acontecimento pelos seres humanos e, ainda, como o lugar de

disposição da existência pela construção sempre renovada da interface da natureza e da cultura.

Desse modo, as histórias de vida não falam sozinhas sendo necessário enquadrá-las no contexto em que se desenvolvem, avaliando todo um conjunto de significações que constituem a vida cotidiana.

Quando fizemos o primeiro contato com os pequenos trabalhadores, pensando na história de vida deles, procuramos saber um pouco mais sobre o contexto em que cada um vivia, contexto esse que naquele momento não era estranho para nós, mais que era importante mais aproximação, pois nos ajudaria a definir a lógica de nosso roteiro de edição.

Foi muito importante para nós, saber com quem aqueles adolescentes e crianças moravam, onde estudavam, do que gostavam ou deixavam de gostar, como era suas rotinas semanais e suas perspectivas para o futuro. Essas informações foram imprescindíveis para fazermos a relação do que era dito com o que tínhamos pesquisado sobre o tema, nos possibilitando definir com mais exatidão o que queríamos mostrar.

Encontramos também, nos aspectos metodológicos de história de vida, uma grande inovação proposta pelo interacionismo simbólico, que propõe ceder o lugar do saber ao agente social, postulando que o conhecimento deve ser construído a partir das interpretações, significações, daquele que está inserido no fenômeno social a ser estudado. No nosso caso, os trabalhadores infanto-juvenis.

No momento em que deixamos de ouvir especialistas, pais e outros sujeitos que na maioria das vezes fazem parte do discurso dominante, sobre o tema, e passamos a ouvir exclusivamente os próprios pequenos trabalhadores com base nos aspectos metodológicos de história de vida dando voz as interpretações e significações deles, vimos que a nossa pesquisa começava a superar nossas expectativas, pela riqueza de significações que eram apresentadas nos depoimentos dos sujeitos entrevistados.

Assim, o uso da História de Vida possibilitou uma abordagem histórica mais democrática, pois permitiu dar voz àqueles cujo discurso foi calado ou teve pouca influência nos discursos dominantes. Aqui, o relato dos sujeitos pesquisados não corresponde necessariamente ao real, mas o sentido que esse sujeito dá a esse real, de forma que o momento de análise posterior dê conta do indivíduo como ser social.

4. PRÁXIS DOCUMENTÁRIA

Mais do que proclamar uma definição que estabeleça de uma vez por todas o que é e o que não é documentário, precisamos examinar os modelos e protótipos, os casos exemplares e as inovações, como sinais nessa imensa arena em que atua e evolui o documentário. (NICHOLS, 2005, p. 48).

Neste capítulo, antes de começarmos a apresentar o processo de produção do vídeo documentário, iremos trazer uma breve discussão da fundamentação teórica sobre documentário, apresentando os principais conceitos relacionados ao suporte utilizado. Para tanto, não é nosso objetivo aqui historicizar o documentário, mas trazer, além de considerações conceituais, modalidades de representação do documentário, segundo Bill Nichols, levando em consideração que cada modo de representação a ser abordado corresponde a uma configuração com códigos e regras próprias, consubstanciados em metodologias, ditames éticos e práticas rituais específicas.

A produção de documentários traz uma grande diversidade, temática, estilística, técnica e metodológica que acaba por dificultar a formulação de modelos e suas categorias. Para Ramos (2008, p.21), “as fronteiras do documentário compõem um horizonte de difícil definição”.

Segundo Da-Rin (1995), alguns autores julgam que o problema da definição não é a falta de consenso empírico sobre o que seja o documentário, o que há é uma dificuldade de se chegar a uma definição dotada de um mínimo de exatidão. Uma vez que cada produtor possui a sua própria concepção e desenvolve o vídeo a partir de sua visão de mundo, em que o documentário vem impregnado de marcas da subjetividade de seu idealizador e da visão de mundo individual de cada um.

Sendo assim, o domínio do documentário é um processo historicamente heterogêneo de formulação de problemas e soluções, configurando um campo dinâmico de prática social, em que cineastas, críticos e público dialogam, de forma direta ou indireta, pois compartilham determinadas referências e objetivos gerais que, segundo Da-Rin (1995), reverberam internamente no edifício institucional do documentário.

O documentário é um dos meios que permite contextualizar e aproximar o espectador a um determinado tema, conhecer histórias e argumentos que possibilitam ver o mundo de outras maneiras.

De acordo com Bernard (2008, p. 2), “os documentários conduzem seus espectadores a novos mundos e experiências por meio da apresentação de informação factual sobre pessoas, lugares e acontecimentos reais, geralmente retratados por meio do uso de imagens

reais e artefatos”. Dessa forma, o documentário captura fragmentos da realidade lidando diretamente com as relações dos sujeitos e do meio onde vivem, proporcionando interpretações da realidade.

Às vezes, segundo Ramos (2008), o conceito de documentário confunde-se com a forma estilística da narrativa documentária em seu modo clássico, provocando confusão, confundindo a parte com o todo. Porém, nos anos 1990, foi se criando um consenso de que o documentário é um campo que existe além da narrativa clássica.

Incorporando procedimentos abertos pela revolução estilística chamada cinema direto, trabalhando com imagens manipuladas digitalmente, tomadas com câmeras minúsculas e ágeis, o documentário contemporâneo possui uma linha evolutiva que permite enxergar totalidade de uma tradição. (RAMOS, 2008, p.21).

Assim, o documentário, segundo Ramos (2008, p. 22), “é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa com asserção sobre o mundo”.

Em seu modo clássico, o documentário tinha predominantemente a voz do saber, chamada de *voz over* ou voz de Deus, que é uma voz que possui o saber sobre o mundo e, neste caso, narra o documentário.

Segundo Da-Rin (1995, p. 75), paralelamente ao rompimento das formas rotineiras, “o cinema direto proporcionou uma recuperação de tendências que haviam sido aparentemente superadas ou marginalizadas pelo documentário clássico”. A emergência do cinema direto proporcionou uma reformulação radical na escala de valores do documentário.

Portanto, nos documentários contemporâneos, para Ramos (2008), “há uma forte tendência em se trabalhar com a enunciação em primeira pessoa. É, geralmente, o ‘eu’ que fala estabelecendo asserções sobre sua própria vida”. Os documentários de depoimentos, por exemplo, caminha nessa linha, onde as falas são articuladas pela presença do diretor. É o caso das produções de Eduardo Coutinho.

Eduardo Coutinho prioriza, em seus trabalhos, ouvir o outro, mostrando as emoções e aspirações de pessoas comuns. Segundo Macedo (1998, p. 11), “o essencial nos filmes de Coutinho é o contar diante da câmera, que virá a cristalizar o efêmero daquele momento em que a fala confere materialidade ao dito, o qual se constrói e se descobre no desdobramento do falar”.

Em resumo, diante de tanta argumentação acerca do fazer documentário, da práxis documentária, Bill Nichols (*apud* Da-Rin, 1995, p. 99) formulou quatro modalidades de representação do documentário, segundo as principais estratégias de argumentação

cinematográfica, são eles: modo expositivo; modo observacional; modo interativo e modo reflexivo.

O “modo expositivo”, de acordo com Bill Nichols (*apud* Dá-Rin, 1995, p. 99), corresponde ao documentário clássico, onde uma argumentação é veiculada por letreiros ou pelo comentário *off*, servindo as imagens de ilustração ou contraponto. Em sua forma paradigmática mais pura, o modo expositivo adota um esquema particular-geral, mostrando imagens exemplares que são conceituadas e generalizadas pelo texto do comentário.

Já o “modo observacional”, surgiu em reação ao modo clássico. Sua expressão mais típica foi o cinema direto norte-americano, que procurou comunicar um sentido de acesso imediato ao mundo, situando o espectador na posição de observador ideal.

Este modo observacional defendeu a não intervenção; supriu o roteiro e minimizou a direção; desenvolveu métodos de trabalho que transmitiam a impressão de invisibilidade da equipe técnica; renunciou a qualquer forma de “controle” sobre os eventos que se passavam diante da câmera; privilegiou o plano-seqüência sincrônico; adotou uma montagem que enfatizava a duração da observação; evitou o comentário, a música *off*, os letreiros, as encenações e as entrevistas.

O “modo interativo”, para Bill Nichols, surgiu, aproximadamente, no mesmo período que o modo observacional, mas enfatizou a intervenção do cineasta, ao invés de procurar suprimi-la. A interação entre a equipe e os atores sociais, assume o primeiro plano, na forma de interpelação, entrevista ou depoimento, onde a montagem articula a continuidade espaço-temporal deste encontro e a continuidade dos pontos de vista em jogo.

Já o “modo reflexivo”, de acordo com Bill Nichols (*apud* Dá-Rin, 1995, p. 101), surgiu como resposta ao ceticismo frente à possibilidade de uma representação objetiva do mundo e procura explicitar as convenções que regem o processo de representação.

Juntamente com o produto, os filmes reflexivos apresentam o produtor e o processo de produção, evidenciando o caráter de artefato do documentário. Aos invés de procurarem transmitir um “julgamento abalizado” que parece emanar de uma agência de saber e autoridade, lançam mão da ironia, da paródia, da sátira e de estratégias de distanciamento crítico do espectador. NICHOLS *apud* DÁ-RIN (1995, p. 101).

Para Dá-Rin (1995), tais modalidades de representação do documentário proposto por Bill Nichols, “decorre de sua concepção do documentário não enquanto um objeto dado e dotado de uma imanência, mas enquanto uma instituição constituída por práticas variadas e contraditórias, que interagem historicamente”.

Para tanto, nossa produção audiovisual sobre as crianças e os adolescentes trabalhadores da cidade de Retirolândia, utilizando a pesquisa qualitativa com abordagem metodológica de história de vida, bebeu da fonte do modo interativo de representação.

4.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Como já foi citado neste memorial nas apresentações, nosso envolvimento com o tema surgiu a partir da própria história de vida de um de nós, pela relevância do tema nos dias atuais e pelo nosso desejo de proporcionar novas reflexões e visões de mundo ao ponto de causar mudanças sociais e coletivas, voltadas ao desenvolvimento de políticas públicas de garantia dos direitos de criança e adolescente em nosso país.

Após nossa escolha e implicação ao tema, partimos para a pesquisa exploratória a fim de nos aproximar dos sujeitos pesquisados e do próprio tema.

Inicialmente, durante o mês de setembro, fizemos um levantamento bibliográfico, buscando referências ligadas ao tema e ao contexto local onde a pesquisa de campo seria executada, identificando os principais autores e começamos a estudar para conhecermos melhor o campo da pesquisa.

Após esse estudo referencial e de contexto local, identificamos as principais formas de trabalho infantil de Retirolândia que foi o trabalho na feira-livre aos sábados, o trabalho na lavoura do sisal e o trabalho doméstico. Logo após, partimos para a pesquisa de campo, no início do mês de outubro, para conhecer a realidade desses trabalhadores infantis.

Fizemos a primeira visita na feira-livre e ficamos de longe, observando o cotidiano daquelas crianças e adolescentes e como eles se comportavam no ambiente de trabalho. Enquanto nós observávamos eles trabalhando, íamos conversando com os populares, que se encontravam na feira, a respeito daqueles pequenos trabalhadores. A maioria dos que questionamos diziam que não eram contra o trabalho e apresentavam o discurso de que enquanto os meninos estavam trabalhando, não estavam roubando e que o trabalho era um meio de eles criarem responsabilidades.

Nesse momento não entrávamos em discussão com eles, apenas procurávamos fazer interpretações daquela realidade e tentar entender o porque que tantas pessoas pensavam desse jeito. Claro que com base em nossas pesquisas anteriores, esses discursos fazem parte de um ciclo vicioso que sustenta a defesa do trabalho infantil com base em tradições e questões culturais.

Depois, fizemos a segunda visita, oito dias depois. Dessa vez com o objetivo de nos aproximarmos deles e conversar um pouco acerca do trabalho e suas expectativas de vida.

Nesse momento pensávamos que seria difícil a aproximação, mas foi o contrário, as crianças e adolescentes aceitaram tranquilamente dialogar sobre o assunto.

Conversamos nesse dia com dezoito meninos, entre crianças e adolescentes, os quais tinham histórias bem semelhantes a nos contar. Falamos primeiro do objetivo de nossa visita à feira-livre e depois fizemos alguns questionamentos.

Perguntamos a cada um, o nome, a idade, quem eram seus pais, onde moravam e com quem moravam, onde estudavam e em que série estavam estudando, se gostavam de estudar, em que trabalhavam e se gostavam de trabalhar e porque, quanto ganhava no trabalho, qual era seu maior sonho, e por fim pegamos os contatos deles e dos pais já que praticamente todos tinham aparelho de celular.

Esses questionamentos que fizemos a princípio, foi com a intenção de conhecê-los melhor suas vidas e o contexto em que estavam inseridos. Já que se tratava de uma pesquisa qualitativa, e estávamos buscando as singularidades de cada sujeito.

Nessa visita, nos tornamos bem próximos e eles foram bem interativos conosco, ao ponto de já se interessarem em participar do vídeo, antes mesmo da autorização dos pais.

Durante a semana, após a segunda visita na feira livre, nos deslocamos para duas comunidades rurais onde identificamos o adolescente Matias Ferreira dos Santos que trabalha na lavoura do sisal na comunidade de Lagoa Grande, a 17 quilômetros da sede do município de Retirolândia, e a adolescente Marília dos Santos Silva que trabalha como doméstica na comunidade de Jitaí, a 09 quilômetros da sede do município de Retirolândia.

Primeiro, visitamos Matias que era uma pessoa já conhecida de um de nós e que já havíamos nos falado por telefone e marcado a visita. Durante essa visita, conhecemos o processo de produção da fibra de sisal e a atuação do adolescente na produção, mas não fizemos, nesse momento nenhum registro audiovisual, apenas nos aproximamos mais do adolescente.

No dia seguinte, visitamos Marília. Ela trabalhava como doméstica, cuidando de um senhor idoso. Ela já tinha 17 anos, engravidou com 14 anos e tinha começado a trabalhar com 6 anos de idade na lavoura do sisal. Essa visita serviu para nos aproximar dela.

Após essas visitas de aproximação entre pesquisador e sujeitos pesquisados, procuramos um advogado para tratar do uso de imagem das crianças e adolescentes que iríamos utilizar no vídeo e ele nos orientou todos os procedimentos legais a serem adotados. Mesmo as crianças e adolescentes gostado da ideia de aparecer no vídeo, pensávamos que não seria fácil conseguir a autorização dos pais. Então, primeiro identificamos os adolescentes que

queríamos ouvir sua história e depois procuramos os pais para falar do trabalho de produção audiovisual e da autorização da imagem e áudio de seus filhos.

Com as autorizações em mãos e todo o trabalho de envolvimento com o campo pesquisado realizado, agendamos os dias de iniciar a produção do documentário fazendo as gravações.

Vale ressaltar, aqui, que não produzimos um roteiro fechado para a produção. Fizemos apenas um esboço e fomos a campo com inspirações em Eduardo Coutinho e Jean Rouch, baseado no modo interativo de representação, utilizando história de vida como uma abordagem metodológica inspiradora.

4.2 PRODUÇÃO

As gravações do documentário aconteceram na semana do dia 04 a 09 de novembro de 2013, atendendo a disponibilidade de equipamentos e do técnico de vídeo da Universidade Estadual da Bahia – UNEB campus XIV que foi o nosso cinegrafista. O equipamento usado para a gravação foi duas câmeras profissionais da marca Sony, modelo HVRZ5N, da própria UNEB. Nas gravações usamos uma câmera no tripé, e com a outra gravamos na mão possibilitando agilidade na mudança de planos.

O primeiro dia de gravação aconteceu na comunidade de Lagoa Grande, a 17 Km da sede do município, no dia 06 de novembro, entrevistamos o adolescente Matias Ferreira dos Santos, 17 anos de idade, que trabalha na lavoura do sisal. Antes de fazermos a entrevista, visitamos o ambiente da lavoura de sisal onde o adolescente trabalha, para produzir imagem dele trabalhando e do ambiente em que trabalha.

Fizemos as imagens do ambiente de trabalho, e do adolescente trabalhando e depois nos dirigimos com o adolescente para sua casa que fica no povoado, cerca de 15 minutos a pé do ambiente de trabalho, trajetória que ele faz todos os dias a pé.



Gravando Matias trabalhando



A entrevista aconteceu na sala de sua casa, onde dialogamos sobre sua vida, o deixando livre para contar sua história de vida, e depois introduzimos o tema trabalho infantil no diálogo. Nesse momento da entrevista, o método de História de Vida nos ajudou muito, pois ao deixar o entrevistado falar a vontade,



tivemos um ganho muito grande nos discursos onde era expressados além de suas opiniões, suas emoções.

Matias é um adolescente que começou a trabalhar com 12 anos de idade, na lavoura do sisal e desistiu de estudar alegando que não gostava. Segundo ele, sempre gostou de trabalhar, pois, queria comprar seus objetos pessoais e não tinha dinheiro além, de ter que ajudar sua mãe e irmãos a sobreviver. Matias conta que nunca teve um pai presente em sua vida,

diferente de sua mãe e sua avó com quem sempre morou. Quando foi questionado sobre seu futuro e seus sonhos, ele respondeu que não ver nada no futuro, apenas trabalho e que seu maior sonho é ter uma casa melhor para morar. Apesar de falar que gosta de trabalhar, Matias diz que se tivesse um filho queria que ele estudasse até concluir, para ter um futuro melhor, não queria que ele trabalhasse na infância e adolescência.

Nesse mesmo dia que gravamos a entrevista com o adolescente Matias que trabalha na lavoura do sisal, fizemos, no turno da tarde, a segunda entrevista, com o adolescente Jonatas Nascimento de Oliveira, 16 anos de idade, um dos adolescentes que trabalha na feira livre, mas que também já trabalhou em diversos outros serviços durante sua infância.

A entrevista ia acontecer em sua casa mesmo, porém ele achou melhor fazer em outro local, pois, em sua casa tinha seus irmãos e sua mãe e ele não queria fazer lá. Fomos para outro ambiente, onde dialogamos, utilizando a mesma metodologia da entrevista anterior, dando-lhes liberdade para falar de sua vida e do que pensa sobre o trabalho infantil.



Jonatas começou a trabalhar com 07 anos de idade, segundo ele, o trabalho é uma coisa que lhe inspira e a pessoa que trabalha tem valor na vida, porque vai ter a consideração dos outros, vai ter um nome de respeito na praça, as pessoas vão lhe dar mais confiança. Jonatas diz que agora, quer um trabalho que possa ganhar em média, R\$ 50,00 por semana, pois, quer comprar um celular S3 pra ele e dar o seu celular digital para sua mãe. Jonatas está estudando, porém, diz que não gosta de estudar, porque a educação é "péssima" e não lhe oferece oportunidades.

A entrevista com Jonatas foi a que mais pudemos explorar do método de história de vida, pois pedimos que ele contasse sua história ligada ao trabalho e ele falou um tempão sem parar e fizemos pouquíssimas intervenções, apenas algumas perguntas complementares que necessitávamos para a proposta temática do vídeo documentário que se propôs seguir discussões relevantes da pesquisas, com base nos pontos de vistas da criança e dos adolescentes que estavam sendo entrevistados.

No sábado, dia 09 de novembro, dia de feira-livre, fizemos imagens no ambiente da feira, buscando filmar as crianças e os adolescentes enquanto trabalhavam.



As crianças e os adolescentes trabalhadores já sabiam que nós íamos fazer as gravações nesse dia, pois informamos a eles antes, porém as pessoas que estavam na feira-livre, ficaram meio espantadas com a presença das câmeras e alguns chegavam a questionar o porque estávamos fazendo aquelas imagens, mais foi tudo tranquilo.

Depois, entrevistamos a criança Juliedson de Souza Reis, 10 anos de idade, uma criança que trabalha na feira desde os 08 anos de idade. A entrevista aconteceu na rua mesmo, em um ponto próximo a feira.



A entrevista com Juliedson foi a mais difícil, pois, gostaríamos que ele ficasse a vontade e falasse mais, porém ele respondia tudo de forma direta, e assim tivemos que fazer mais interferências. Durante a entrevista, Juliedson disse que não gosta de estudar e gosta de trabalhar na feira livre, pois o que ganha, uma parte dar a sua mãe e a outra ele guarda. Apesar de não gostar de estudar, Juliedson disse que o seu sonho é ser doutor, é ser médico, pois gosta de cuidar das pessoas.

No mesmo dia, no turno da tarde, nos deslocamos para a comunidade de Jitaí, a 09 km da sede no município de Retirolândia, para entrevistar a adolescente Marília dos Santos Silva, 17 anos de idade, que trabalha como doméstica, cuidando de um idoso.



Marília já é mãe desde os 14 anos. Ela nos contou durante a entrevista que trabalhava da lavoura do sisal desde criança para ajudar sua mãe e no período de gravidez, trabalhou até completar os nove meses. Hoje trabalha como doméstica na casa de um idoso e está estudando. Marília nos contou que passou um tempo sem estudar mais se arrependeu e voltou para a escola, pois diz quer ter um futuro melhor.

Nos outros dias que tínhamos agendando, para gravação, fizemos imagens da cidade de Retirolândia e de crianças e adolescentes brincando, para usar como inserts durante a edição. Feitos todas as imagens que havíamos planejado no esboço do roteiro, partimos para o processo de pós-produção.

4.3 PÓS-PRODUÇÃO

Após todo o processo de pesquisa e produção, chegamos à parte da pós-produção que é o momento em que começamos a editar o nosso vídeo documentário.

A edição foi realizada no laboratório de TV da UNEB, Campus XIV, pelo técnico editor Rodrigo Carneiro, no dia 26 de novembro de 2013 sendo finalizado na manhã do dia 29 de novembro do mesmo ano.

Antes de irmos para a ilha de edição, fizemos as decupagens¹ dos vídeos produzidos e depois montamos o roteiro de edição². Na decupagem descrevemos cada plano do vídeo com base nos diferentes assuntos que iam sendo abordados, nas histórias de vida dos entrevistados. Já o roteiro de edição, descrevemos detalhadamente como gostaríamos que o vídeo fosse produzido, identificando as imagens e as trilhas a serem utilizadas, ficando apenas os efeitos de transição e de vídeo para escolher durante a edição na própria ilha.

A montagem do roteiro de edição, não foi fácil quanto parece, por se tratar de um assunto que tinha relação direta com um de nós que também trabalhou na infância. No momento da escolha das falas dos adolescentes ficávamos com dúvidas de como utilizar no vídeo. Como a nossa proposta era dar voz aos pequenos trabalhadores decidimos organizar o nosso roteiro tematicamente, dialogando com as contradições apresentadas pelos próprios trabalhadores.

Quando decidimos organizar o roteiro trazendo pontos de vista diferente e ao mesmo tempo mostrando a história de vida daqueles pequenos trabalhadores, vimos que o vídeo se tornava um instrumento capaz de provocar diferentes reflexões, sejam a favor ou contra o trabalho infantil. O fato é que de alguma forma era possível provocar inquietações.

Os depoimentos dos pequenos trabalhadores causava inquietações e nos emocionava o tempo todo, pois dialogava com a vida de um de nós.

Todas as etapas de produção, foi gratificante para nós. Tivemos que abdicar de muitas coisas, como o trabalho e lazer nos finais de semana, mas tudo isso foi por uma boa causa e valeu muito a pena. Tivemos total apoio e compreensão de nossos chefes de trabalho, de nossos amigos e familiares.

Assim, finalizamos a edição do vídeo, que ficou com o tempo de 12 minutos, por volta do meio dia do dia 29 de novembro, e no período da tarde fizemos as capas do vídeo, imprimimos e encadernamos o memorial e por volta das 18 horas do mesmo dia entregamos três cópias do vídeo, três cópias do memorial impresso e encadernado e um CD com o memorial salvo em PDF, no colegiado de comunicação.

¹ As decupagens estão em apêndice.

² O roteiro de edição está em apêndice.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi importante por permitir dar voz aos pequenos trabalhadores do município de Retirolândia, que com suas histórias e diferentes pontos de vistas, mostram uma realidade que se multiplica pelo nosso país. As pequenas vozes apresentadas no vídeo, trazem em cada palavra a representação de uma realidade que necessita de imediatas intervenções reais, que oportunize novas perspectivas de vida e de sonhos.

Durante as discussões da fundamentação teórica desse trabalho, a parte que discutimos sobre realidade brasileira, com relação ao trabalho infantil e sobre os fatores condicionantes do trabalho, aparece claramente reproduzida nas falas dos sujeitos entrevistados para o documentário. Os relatos deles, que se encontram também, aqui, nesse trabalho, por meio das decupagens anexas aos apêndices, revelam o lamentável ciclo vicioso do trabalho infantil, sustentado pela situação de vulnerabilidade social que se encontram esses pequenos trabalhadores.

Para nós, esse trabalho foi muito gratificante. Como pesquisadores, fomos ligeiramente transformados intelectualmente e como seres humanos e como pesquisadores, devido ao contato direto que tivemos com cada sujeito entrevistado e cada realidade apresentada.

Além de nosso objetivo em mostrar as histórias dos pequenos trabalhadores e trazer a discussão acerca do trabalho infantil, nosso desejo maior é que esse trabalho de conclusão de curso, incluindo tanto as discussões desse memorial quanto o vídeo, sirva como um instrumento de inquietação na sociedade, provocando o surgimento de novos valores, novas reflexões e por assim dizer, novas atitudes.

Novas atitudes, que signifiquem dar oportunidades as pequenas vozes, para que sejam sujeitos protagonistas e que suas vozes propaguem novos olhares acerca do ser criança, do ser sujeitos de direitos que buscam a felicidade no lazer e não no trabalho precoce, insalubre e perigoso.

Contudo, o desafio está posto, desejamos que esse trabalho, sirva também para inspirar novas pesquisas e novas mudanças pessoais e intelectuais assim como ocorreu com nós pesquisadores.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L.S. **Jovens insseridos no mercado de trabalho**. Algumas contribuições a partir da visão sócio – histórica de desenvolvimento. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2000.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 1999. 155 p.

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto**. Saulo Krieger (Trad.). Rio de Janeiro: Elsevier, 2008, 2ª reimpressão.

BRASIL. Ministério da Previdência e Assistência Social. **Programa de erradicação do trabalho infantil (PETI): manual de orientações**. BRASÍLIA: MPAS, maio de 2002.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social de Combate à Fome. **Análise situacional do programa de erradicação do trabalho infantil**. Brasília: MDS/ÍNDICE, maio 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde/Secretaria de Atenção à Saúde/Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Trabalho infantil: diretrizes para atenção integral à saúde de crianças e adolescentes economicamente ativos**. Brasília: MS, 2005.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Proteção Integral para crianças e adolescentes: fiscalização do trabalho saúde e aprendizagem; trabalho precoce, saúde e desenvolvimento mental; impacto das condições de vida na saúde de crianças e adolescentes**. Brasília, 2000.

CAMPOS, M.M.M. **Infância abandonada: o piedoso disfarce do trabalho precoce**. In: MARTINS, J.S. (Coord). **Massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1991. P. 117-53.

CASTORIADIS, Cornélius. **A instituição imaginária da sociedade**. Tradução Guy Reynoud. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. Título original: L'institution imaginaire de La société.

CHIZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez; 1991.

CORTEZ. S. A. E. **O efeito do trabalho infantil na estrutura final de adultos jovens e características de sua escolaridade** – Estudo da coorte de nascidos vivos entre 1978/79, nos Hospitais de Ribeirão Preto, SP. 2005. Tese (Doutorado em Ciências Médicas). Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.

Da-Rin, Silvio P. **Espelho Partido: Tradição e transformação do documentário cinematográfico**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Escola de Comunicação, universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

DESLANDES SF, Cruz Neto O, Gomes R, Minayo MCS. organizadores. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 7ªed. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes; 1994.

DUARTE, E. M. **Situação das crianças trabalhadoras na agricultura brasileira**. Brasília, CONTAG/OIT-IPEC. 1993.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** / Antônio Carlos Gil. – 3.ed. – São Paulo: Atlas, 1991.

GLAT R. **Somos iguais a vocês: depoimentos de mulheres com deficiência mental**. Rio de Janeiro: Agir; 1989.

GOMES, D. D. **Escolas onde faz bem trabalhar**. Revista @prender, Marília, set. /out. 2002.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD**, Rio de Janeiro, 1998.

KONDER, Leandro. **O futuro da Filosofia da práxis**. O pensamento de Max. 1992.

KRAMER, s. **Privação cultural e educação compensatória: uma análise crítica**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, 1992.

MADEIRA, F. R. **Pobreza, escola e trabalho: convicções virtuosas, conexões viciosas**. São Paulo em Perspectiva, 1993.

MACEDO, Valéria. **Campo e Contracampo: Eduardo Coutinho e a Câmera da Dura Sorte**. In: Sexta-feira. No.2, São Paulo, Pletora Ltda., 1998.

MARX. K. **O Capital**. Rio de Janeiro Ed: Civilização Brasileira S.A., 1980, p. 579. Martins. – Campinas, SP: Papyrus, 2005.

MELLO, G. N. **Fatores intra-escolares como mecanismos de seletividade no ensino de 1º grau**. Em Aberto, Brasília, 1982.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**; Tradução Mônica Sadd.

OIT – ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **O fim do trabalho infantil: um objeto ao nosso alcance**. Lisboa:OIT, 2006.

PERUZZO, Cecília. **Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania**. Revista Fronteiras – estudos midiáticos. Vol. III. Nº 1. Setembro de 2001.

PIRES, Júlio Manuel. **Trabalho infantil: necessidade e persistência**. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Economia e Administração da USP, 1988, p.56.

POLIT, DF, Hungler BP. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**. 3ªed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.

REZENDE, Maria Pereira. **O impacto do trabalho precoce na adolescência:** Um estudo de enfermagem. Tese de Pós-Graduação. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2008.

RUSS, Jacqueline. **Dicionário de Filosofia.** São Paulo: Scipione, 1994. p.297.

SANTOS, Rosângela da Silva. **Trabalhando com a história de vida:** Percalços de uma pesquisa(Dora?). Ver. Esc. Enferm. USP 2003; 37(2):119-26.

SILVEIRA, C. AMARAL, C.; CAMPINEIRO, D. **Trabalho Infantil:** Examinando o problema, avaliando estratégias de erradicação. NAPP/UNICEF, Novembro. 2000.

SILVA, M.P. **Trabalho agrícola do menor na cafeicultura e sua interferência no processo educativo.** 1983 198f. Dissertação (Mestrado). Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, 1983.

VAZQUEZ, Adolfo Sandrez. **Filosofia da Práxis.** 1980.

VEIGA, J. P. C. (1998) **A questão do trabalho infantil.** São Paulo, ABET (ColeçãoABET - Mercado de Trabalho, v. 7).

APÊNDICES

Orçamento

MATERIAL/SERVIÇO	VALOR (R\$)
Transporte para as Gravações	R\$ 150,00
Alimentação (Almoço e lanche durante o processo de produção)	R\$ 84,00
Livros para pesquisa	R\$ 75,00
Encadernação do memorial	R\$ 16,00
Mídia, Capa e etiqueta /DVD e CD	R\$ 40,00
Coffee break	R\$ 200,00
Impressão do Trabalho	R\$ 23,00
TOTAL	R\$ 588,00

Cronograma de atividades

ATIVIDADES	DATAS/MESES								
	23 á 30/09	05 á 18/10	22/10	04 á 09/11	14 e 15/11	20/11	26 29/11	04/12	13/12
Construção de Referencial Teórico	X								
Pesquisa do Campo		X							
Construção do Esboço do Roteiro			X						
Gravações				X					
Decupagem /					X				

Roteiro de Edição									
Edição							X		
Escrita do Memorial	X	X	X	X	X	X	X		
Ritual de Defesa								X	
Defesa									X

Decupagens das entrevistas feitas para o vídeo documentário

Essas decupagens incluem todas as falas dos adolescentes e da criança entrevistada. Decidimos anexar essas decupagens no trabalho, porque no vídeo não deu para usar todas as falas, porém consideramos que existe uma riqueza muito grande em todos os depoimentos dos entrevistados, que nos possibilita uma compreensão ainda mais profundo do que pensam esses sujeitos.

MATÉRIA: Entrevista com o Adolescente Matias Ferreira dos Santos – 17 anos

LOCAL: Povoado de Lagoa Grande

Plano	Fita	TEMPO		ÁUDIO	IMAGEM
		Início	Final		
01	Trabalho Infantil 01	22:30	22:38	O Adolescente fala o seu nome, sua idade e diz que trabalha porque gosta e que nunca gostou de estudar.	Adolescente sentado.
02	Trabalho Infantil 01	23:07	24:13	O Adolescente fala que sempre gostou de trabalhar, pois via as	Adolescente sentado.

				<p> pessoas com dinheiro e ele não podia comprar nada, aí, ficava aquele negócio na cabeça de eu trabalhar. Quando eu tivesse maior eu vou começar a trabalhar não vou estudar mais não. O adolescente fala que seu pai nunca foi um pai presente e fala também de sua mãe que é presente e sempre lhe ajudou, mas não como pode, porque, ela não podia. Ele fala que sempre morou com a avó. </p>	
03	Trabalho Infantil 01	24:22	24:46	<p> O Adolescente fala que começou a trabalhar com 12 anos, porque a pessoa precisa comprar alguma coisa (...) </p>	Adolescente sentado.
04	Trabalho Infantil 01	24:49	25:10	<p> O Adolescente fala que sua mãe pode lhe dá as coisas só que não é sempre, e ele trabalhando ela compra um coisa e ele compra outra ai fica melhor. </p>	Adolescente sentado.
05	Trabalho Infantil 01	25:19	25:31	<p> O Adolescente fala que se for para ele preferir entre o colégio e o trabalho, ele prefere o trabalho, porque não que seja obrigado, </p>	Adolescente sentado.

				mas sempre gostou de trabalhar.	
06	Trabalho Infantil 01	25:36	26:12	O Adolescente fala que o trabalho é uma coisa boa, porque quando tem uma festa, uma coisa, assim sempre está com o dinheiro pra ir. Tira o dinheiro pra ajudar sua mão comprar isso, aquilo e já deixa o dinheiro para ir pra festa.	Adolescente sentado.
07	Trabalho Infantil 01	26:13	26:26	O adolescente fala quanto ganha por semana no motor de sisal.	Adolescente sentado.
08	Trabalho Infantil 01	26:39	27:08	O adolescente fala que começou a estudar (...) e depois desistiu.	Adolescente sentado.
09	Trabalho Infantil 01	27:22	27:53	O adolescente fala como ver o trabalho infantil. Ele fala: “Se eu tivesse uma condição para ajudar minha mãe sem trabalhar, pra mim era ótimo, porque, pra falar a verdade, assim, se fosse um trabalho melhor, que a pessoa ganhasse um pouco a mais, só que nesses trabalhos não ganha. Se fosse pra escolher assim uma vida melhor, eu preferia	Adolescente sentado.

				estudar, só que na minha idade pra pessoa concluir é muito tarde (...)"	
10	Trabalho Infantil 01	28:01	28:07	O adolescente fala do futuro: "Pra falar a verdade eu não vejo nada no futuro, é só trabalho pela frente só".	Adolescente sentado.
11	Trabalho Infantil 01	28:09	28:52	O adolescente fala de seu sonho: "Meu sonho é ter uma casa melhor, alguma coisa, só uma casa melhor só pra viver mesmo e sempre trabalhando. Não que as crianças trabalhando, eu não acho certo, porque se uma mãe pudesse também, eu garanto que ela não ia deixar seu filho trabalhar e deixar a escola de lado. Eu falo assim, tipo, a minha mãe mesmo ela sempre falou que seu sonho é ver eu com os estudos concluídos, mas eu não vejo isso, eu concluído sem nada, então eu trabalhado e tendo as minhas coisas é melhor de que na escola".	Adolescente sentado.
12	Trabalho Infantil	29:02	29:25	O adolescente fala que não gosta de estudar e não	Adolescente sentado.

	01			adianta ir para a escola bagunçar. “eu não estudo e também atrapalhar os outro, também não é certo”.	
13	Trabalho Infantil 01	29:52	30:12	O adolescente fala que se talvez ele tivesse ido para a creche ele teria gostado de estudar.	Adolescente sentado.
14	Trabalho Infantil 01	30:35	30:49	O adolescente fala que de segunda até sábado, e já trabalhou até os domingos e nunca pensou em voltar a estudar não.	Adolescente sentado.
15	Trabalho Infantil 01	31:19	31:30	O adolescente fala que as pessoas que moram em sua comunidade, pra falar assim, de todos de sua idade até menor, já trabalhou com isso.	Adolescente sentado.
16	Trabalho Infantil 01	31:41	32:02	O adolescente fala: “Se fosse só eu, aí eu também não ia ficar, porque eu só no trabalho, só eu de menor, isso fica chato, só que onde eu trabalho tem mais de menor, só que os de menor que tão trabalhando estudam. Estudam pela tarde e trabalham pela manhã e eu não, trabalho o dia todo”.	Adolescente sentado.

17	Trabalho Infantil 01	32:19	32:58	O adolescente fala da rotina do trabalho com mais detalhe: “sempre quando a pessoa vai à primeira vez, o dono do motor fala (...), e o que eu faço no motor é cortar palha e residá”.	Adolescente sentado.
18	Trabalho Infantil 01	33:15	33:20	O Adolescente fala que têm o sonho de ter uma família normal e ter uma casa melhor pra morar.	Adolescente sentado.
19	Trabalho Infantil 01	33:44	33:58	O Adolescente fala: “trabalhar desde pequeno é chato e se eu tivesse um filho eu queria que ele estudasse até concluir e arrumar um trabalho melhor pra ter um futuro melhor”.	Adolescente sentado.
20	Trabalho Infantil 01	34:16	34:47	O adolescente fala o que precisa ser feito para que crianças não trabalhem: “se tivesse alguma coisa assim para que os pais tivessem uma vida melhor, pra que pudessem dar uma coisa melhor para os filhos (...).	Adolescente sentado.
21	Trabalho Infantil 01	34:55	35:14	O adolescente fala: “na escola é bom só que tem que ficar sentado a tarde toda escrevendo, aí fica	Adolescente sentado.

				chato o colégio, por isso que eu não gosto de estudar”.	
22	Trabalho Infantil 01	35:27	35:45	O adolescente fala: “do jeito que as escolas ensinam é bom só que alguns professores são chatos, as vezes só porque a pessoa não faz uma atividade eles já colocam uma observação (...)”.	Adolescente sentado.
23	Trabalho Infantil 01	36:03	37:09	O adolescente fala: “se tivessem dinâmicas na sala o aluno se interessava mais para o colégio”. E continua “os professores chegam e já vai escrevendo (...)”.	Adolescente sentado.
24	Trabalho Infantil 01	37:24	37:54	O adolescente fala quantos filhos sua mãe teve, e fala que se pudesse dá algo melhor para a família, daria.	Adolescente sentado.
25	Trabalho Infantil 01	39:21	29:30	O adolescente fala: “Não que eu queira que minha família seja rica, porque a pessoa ser rica e não ser feliz não adianta”.	Adolescente sentado.
26	Trabalho Infantil 01	39:36	39:49	O adolescente fala o que é felicidade: “A felicidade pra mim é o meu trabalho (...) quando estou trabalhando eu também	Adolescente sentado.

				me divirto (...)”.	
27	Trabalho Infantil 01	40:12	40:50	“Se fosse pra eu ser alguma coisa assim, eu queria ser engenheiro (...)”.	Adolescente sentado.
28	Trabalho Infantil 02	19:23	19:33	O adolescente fala que quer trabalhar fora (...), viajar pra Minas (...).	Adolescente sentado.
29	Trabalho Infantil 02	19:47	20:23	O adolescente fala dos riscos do seu trabalho: “há pessoas que (...)”.	Adolescente sentado.
30	Trabalho Infantil 02	21:30	21:34	“Se esse trabalho tivesse uma roupa adequada (...), seria melhor”.	Adolescente sentado.
31	Trabalho Infantil 02	22:31	22:50	O adolescente fala o que é o trabalho infantil pra ele: “O trabalho infantil pra mim é uma coisa que eu não queria pra nenhuma criança, porque se os pais pudessem dá algo melhor para as crianças (...), se eu tivesse um filho eu não colocaria pra trabalhar desde pequeno”.	Adolescente sentado.
32	Trabalho Infantil 02	23:16	23:22	“O trabalho infantil não é nada bom, não é nada legal para as crianças”.	Adolescente sentado.
33	Trabalho Infantil 02	23:32	24:30	“Eu participava do PETI, mais foi preciso sair porque o governo mandava um dinheiro (...), minha mãe só podia me	Adolescente sentado.

				dá 5 reais, (...) no PETI minha mãe só recebia 30 reais por mês e eu trabalhando recebia 60 reais e era por semana (...).”.	
34	Trabalho Infantil 02	24:39	24:47	Som Ambiente.	Imagens do adolescente em frente a sua casa.

MATÉRIA: Entrevista com o Adolescente Jonatas Nascimento Oliveira – 16 anos de idade

LOCAL: Sede do Município de Retirolândia

Plano	Fita	TEMPO		ÁUDIO	IMAGEM
		Início	Final		
01	Trabalho Infantil 02	25:43	25:55	“Eu sempre fui uma pessoa de família humilde (...) uma família que se contenta com pouco”.	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
02	Trabalho Infantil 02	26:19	26:39	“Minha Infância foi difícil, eu fui normalmente uma pessoa que não pôde ter o que eu tinha vontade de ter. Eu tinha vontade de ter meu vídeo game, tive vontade de ter meu celular (...). Eu tinha vontade de ser aceito pela sociedade (...).”.	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
03	Trabalho	26:56	27:09	“Eu necessitava de uns	Adolescente sentado. Ao

	Infantil 02			objetivos pra minha vida. Eu falava, eu vou ser eu vou alcançar, mas não tinha condições (...), não tinha o dinheiro necessário, o apoio necessário”.	fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
04	Trabalho Infantil 02	27:32	27:39	“Como criança eu sempre tive vontade de ter meu vídeo game (...), só que eu fui um cara que eu não pude alcançar, foi o que, foi até uns seis anos de idade”.	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
05	Trabalho Infantil 02	27:40	27:45	“Eu via meu irmão trabalhando, ai eu falei, eu vou começar a trabalhar também (...)”.	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
06	Trabalho Infantil 02	28:00	28:16	“Devido às coisas, comecei a trabalhar, tinha vez que eu chegava a acordar doze horas da noite, uma hora da manhã pra trabalhar (...). Ajudava a ajuntar pindoba”.	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
07	Trabalho Infantil 02	30:12	30:29	“Quando comecei a trabalhar, eu acordava sedo (...), eu tinha o apoio dos meus pais (...)”.	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
08	Trabalho Infantil 02	30:44	31:09	“Chegou um tempo que eu consegui comprar meu vídeo game (...). Quando eu comprei meu vídeo	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.

				<p>game foi o tempo que meu patrão me tirou do meu trabalho (...), mas eu comprei meu vídeo game, matei minha vontade, só que vi que o vídeo game tava me atrapalhando um pouco, então eu falei, eu vou vender para continuar meu trabalho. Vendi fiquei com um pouco de dinheiro e comecei a trabalhar de novo”.</p>	
09	Trabalho Infantil 02	32:12	32:35	<p>“Se eu não tivesse trabalhando hoje, eu podia está no mundo das drogas, eu podia (...), mas graças a Deus (...). Meus pais sempre me davam conselho, meu filho nunca se envolva nesses meios, trabalhe para ter seu dinheiro porque o mais certo que você ta fazendo é isso”.</p>	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
10	Trabalho Infantil 02	33:05	33:34	<p>“Quando eu trabalhava (...). Eu me sentia bem trabalhando mesmo com as dificuldades, mesmo com o xingamento, porque sempre têm uma pessoa que tem que tomar reclamação pra que suba,</p>	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.

				mas, eu continuei trabalhando, consegui comprar um tablete pra mim (...).	
11	Trabalho Infantil 02	33:36	34:01	“Hoje eu to sem trabalhar, to na feira, ta pouco o dinheiro (...), eu já to pensando em coisas grandes, já estou pensando em coisas, que eu posso consegui com meu trabalho (...), alcançar metas que o ser humano pode alcançar com o trabalho, com o esforço, mas sempre, nunca esquecendo do estudo”.	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
12	Trabalho Infantil 02	34:39	34:54	“Um jovem que não têm muito assim, apoio, eu queria ter apoio, que o governo visse que criança pode trabalhar e que o trabalho tira as crianças do mundo das drogas, o trabalho tira a criança da destruição”.	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
13	Trabalho Infantil 02	35:03	35:07	“O apoio é o necessário da vida, por isso que eu trabalho”.	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
14	Trabalho Infantil	35:08	35:18	“Hoje eu não to numa situação boa (...), to sem	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de

	02			trabalho (...), to procurando trabalho pra mim (...), a situação no nosso município ta difícil pra trabalho (...).	coqueirinho e um muro branco.
15	Trabalho Infantil 02	35:20	35:37	“Quantas madrugadas eu penso aqui, eu já num acordei (...), mais não me arrependo de nada disso, eu achava o trabalho tão inspirador, tão legal, porque é uma coisa que você faz com amor, é uma coisa que você faz por você mesmo, é uma coisa que você não está sendo forçado a fazer”.	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
16	Trabalho Infantil 02	35:57	36:22	“Eu chamo muito pelo nome de Deus, vou pra igreja, porque, não entrei no mundo das drogas, trabalhei, trabalho em qualquer coisa que eu achar. Já limpei quintal, (...), já fiz tanta coisa que pra me eu não me arrependo. Eu vendo o resultado disso é a melhor coisa que eu acho no mundo”.	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
17	Trabalho Infantil 02	36:24	36:47	“Eu mando um conselho pra todas as crianças do mundo, do Brasil,	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro

				trabalhe, porque trabalhar é bom, não vá em conselho de pessoas que diga, não trabalhe porque você é novo. Trabalhe porque você trabalhando, você vai ta com a mente ocupada, você vai ta vendo que você vai ter sua renda, porque gente que tem a mente desocupada só traz coisa rui, porque todo mundo diz no ditado, mente parada é oficina do diabo”.	branco.
18	Trabalho Infantil 02	37:09	37:22	“Quando você trabalha, você ta mostrando que você é um cara que têm compromisso com a sociedade, que têm compromisso com próprio você, que você ta construindo seu futuro. Você ta vendo que trabalhar ta trazendo seu futuro”.	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
19	Trabalho Infantil 02	37:28	38:03	“Quando eu precisava de um remédio, tinha o dinheiro pra comprar, quando eu precisei de um óculos, comprei, quando eu precisei (...), com que? com as madrugadas, com	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.

				<p>dias que eu acordei difícil, gripado, num é a toa que hoje eu tenho problema de sinusite (...), gripado, mais nunca tive coragem de dizer, não vou trabalhar (...), porque o cara que corre de trabalho é porque ele quer coisa no fácil e sabe que coisa no fácil não lhe convêm”.</p>	
20	Trabalho Infantil 02	38:11	38:26	<p>“Trabalhar é uma coisa que lhe inspira, trabalhar é uma coisa que lhe mostra um verdadeiro sentido de viver. Trabalhar é tão inspirador que quando você ta trabalhando você só ta lembrando de cumprir seu serviço”.</p>	<p>Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.</p>
21	Trabalho Infantil 02	38:36	39:08	<p>“Eu já trabalhei descarregando caminhão de melancia, eu já trabalhei carregando fruta, fofando lêra (...), eu limpava malva na roça (...), eu ia buscar adubo (...), eu ia juntar pindoba”.</p>	<p>Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.</p>
22	Trabalho Infantil 02	40:10	40:31	<p>“O cara que trabalha têm valor na vida, porque você vai ter a consideração dos outros, você já vai ter um nome de respeito na</p>	<p>Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.</p>

				praça, as pessoas vão lhe dar mais confiança, as pessoas vão confiar mais em você. Vão dizer aquele menino é trabalhador, ele ta trabalhando, ele ta conseguindo cumprir as metas dele”.	
23	Trabalho Infantil 07	00:09	00:32	“Eu comecei a trabalhar com sete anos (...). Pequeno, pra aquele peso todo de um carro de alface, de coentro molhado”.	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
24	Trabalho Infantil 07	00:41	01:01	“As vezes muitas crianças, muitas pessoas são forçadas a trabalhar desde novo (...), porque minha família não têm condições para me dar nada (...) muita gente corre da escola, sai da escola, porque dizia, há, eu não vou conseguir aquela meta, porque não vou ter dinheiro pra pagar uma faculdade, eu não vou ter dinheiro pra isso, e eu trabalhando eu vou ter”.	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
25	Trabalho Infantil 07	02:09	02:33	“Vamos ser pobre, mais vamos ser honestos. Vamos ser trabalhadores,	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro

				<p>vamos ser pessoas competentes que pode mostrar pra a sociedade que o pobre não é uma pessoa esquecida, e que um pobre também pode se tornar um rico, que o pobre também pode se tornar uma pessoa de sucesso na vida”.</p>	branco.
26	Trabalho Infantil 07	03:11	03:20	<p>“O Brasil não nos favorece, por causa da fome, de nossa educação. Somos o país do futebol, mais bem verdade o que nós quer é trabalho”.</p>	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
27	Trabalho Infantil 07	03:26	03:35	<p>“Eu quero trabalhar, eu quero ter um sentido de vida, eu quero que as pessoas me vejam como um ser humano, como qualquer outro, independente de riqueza, independente de tudo”.</p>	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
28	Trabalho Infantil 07	03:43	03:57	<p>“Eu quero que os seres humanos me vejam que posso ser igual a qualquer pessoa que independente de condição financeira, independente de nada. Quando nós morrer nós não vamos levar nada não... Vamos pra debaixo</p>	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.

				de sete palmos de terra”.	
29	Trabalho Infantil 07	04:05	04:16	“Enquanto tivermos aqui, vamos ser humildes, vamos dar oportunidade, quem for rico dar oportunidade ao pobre. Quem for rico mostre que pode dar uma oportunidade pra o pobre se tornar um rico também”.	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
30	Trabalho Infantil 07	04:53	05:05	“Qual é a criança que não têm a vontade de ter a chuteira da niki (...), qual foi a criança que no quis chegar no baba e dar dois chapéus e fazer um gol de letra (...).	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
31	Trabalho Infantil 07	05:09	05:18	“É a vontade de ter aquilo, de ter um tablet, de ter, pra mostrar que você também pode, independente de você ser pobre, o pobre também pode ter as coisas, com o trabalho, com o suor”.	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
32	Trabalho Infantil 07	05:19	05:51	Minha vontade de ter um celular, um tablet, um Playstation, essas coisas, foi sabe o que? Foi vontade, foi botar na cabeça que eu podia, que não ia deixar eu botar na	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.

				<p>cabeça e isso se tornar uma depressão, eu ia botar na cabeça mais ia realizar esse sonho, eu ia mostrar pra o mundo, que eu sou também um ser humano, que posso ter uma câmara, que eu posso ter uma câmara digital, pra registrar meus momentos, posso ter um sapato da Niki (...). Posso tudo naquele que me fortalece que é Deus”.</p>	
33	Trabalho Infantil 07	06:26	06:37	<p>“Olha minhas mãos aqui ta vendo? (...), minhas mãos aqui descascadas, minhas mãos marcadas, (...), isso aqui é tudo trabalho”.</p>	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
34	Trabalho Infantil 07	06:58	07:42	<p>“O meu maior sonho, (...), se tornar pastor (...), se tornar um sevo de Deus de verdade, pra mostrar pra todo mundo de Retiro, que me criticou, pra mostrar pra todo mundo que falou que eu não podia conseguir, pra mostrar pra todo mudo que disse, você não vai conseguir, porque você é pobre, (o adolescente fala</p>	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco. O Adolescente se emociona ao falar de seu maior sonho.

				emocionado), Você não vai conseguir isso. Você não vai conseguir, porque você é fraco, você não tem força (...). Mas na verdade o ser humano, na verdade, nós não sabe o que nós somos, nós somos o que?, pessoas que viramos a cara para um pobre, pessoas que quando temos uma coisa fazemos inveja a quem não tem”.	
35	Trabalho Infantil 07	07:43	08:09	“Eu lembro de uma sena na minha vida que aconteceu a alguns tempos atrás, que eu não tinha um vídeo game e tinha um cara que tinha, e ele ficava me fazendo inveja, porque ele tinha sem trabalhar. Mas eu falei, tu não vai me fazer inveja não, porque eu vou trabalhar e vou comprar e vou ter o meu. Tive, mas também, não fiz inveja a ninguém, quem chegava lá em casa jogava. Meus amigos, nós fazia campeonato lá em casa direto de vídeo game. Eu	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco. (O adolescente fala emocionado)

				mesmo botava um prêmio, eu mesmo tirava de meu bolso, mesmo, e botava um prêmio”.	
36	Trabalho Infantil 07	09:45	10:02	<p>“Muitas vezes já dei dinheiro a minha mãe, já emprestei (...). Minha mãe dizia que não queria dinheiro meu, porque foi um fruto do meu trabalho. Eu fazia empréstimo a ela e ela me pagava. Já emprestei a meu pai também, ele dizia que não queria, e eu dizia, pega meu pai, pega, e ele dizia, não, não pego não, o dinheiro é seu, eu lhe devolvo”.</p>	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
37	Trabalho Infantil 07	10:19	10:41	<p>“Meu pai também trabalhou desde novo, meu pai foi humilde, meu pai foi um cara que trabalhou desde a idade nova dele, nunca mediu esforço para trabalhar (...), as características de meu pai, quase todas veio pra me, assim, como trabalhador, como humano que pensa na vida, uma pessoa que não pude ter muitas coisas,</p>	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.

				mais conseguir com os objetivos”.	
38	Trabalho Infantil 07	10:47	11:17	“Eu não gosto de estudar, porque, porque a educação do Brasil é péssima, eu não gosto de estudar porque a educação do Brasil não lhe dar oportunidades tanto como você pensa. Eu estudo sim, porque eu tenho que ter um futuro meu, mas eu não gosto de estudar (...). Cadê as oportunidades do Brasileiro?”	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
39	Trabalho Infantil 07	11:27	11:47	“O Brasil é um país que a educação não é boa, é um Brasil que o negro não tem oportunidade. Eu acho isso uma besteira, eu acho isso uma idiotice, porque o negro também é ser humano independente de cor de pele, independente de classe social, independente do que você for você é humano que nem a outra pessoa, ele pode ficar doente, você também pode”.	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
40	Trabalho Infantil	11:58	12:18	“O trabalho não atrapalha o estudo, porque você	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de

	07			trabalha numa hora e na outra hora você tira pra estudar (...). É duas coisas que sua mente tem espaço, seu cerebro tem espaço pra isso”.	coqueirinho e um muro branco.
41	Trabalho Infantil 07	13:16	13:47	“O trabalho infantil pra mim, é um ganho que o Brasil conseguiu, com detalhes também (...), com exploração pra mim é pra ser proibido, agora, quando você ta trabalhando que você ta vendo o resultado, que você não está sendo explorado, não têm nada a ver, não tem nada a ver velho, você vai ta vivendo sua vida normal, você num vai morrer porque você trabalhou não, o governo têm que ver isso. Você num vai se acabar porque você trabalhou, você vai ter é mais oportunidade de as pessoas ta vendo seu trabalho e ta ali conseguindo uma coisa melhor”.	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
42	Trabalho Infantil	14:03	14:13	“Você vai conseguindo suas oportunidade melhor,	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de

	07			se sair um trabalho pra ganhar um salário e num precisar de estudo (...), é claro que ele vai querer um cara trabalhador, que ele conheça velho”.	coqueirinho e um muro branco.
43	Trabalho Infantil 08	01:29	02:05	<p>“Eu quero agora um trabalho que eu ganhe trinta, quarenta, cinqüenta reais por semana, porque eu quero comprar pra mim um S3, vou botar na casa agora um S3, porque eu quero dar um celular a minha mãe também, eu vou dar o meu digital a ela o que eu comprei, e vou comprar um S3 pra mim, sabe por quê? Porque é pra eu mostrar a governo, que é pra eu mostrar pra todo mundo, que com o meu trabalho eu conseguir comprar minhas coisas (...), que eu vou poder chegar lá e apresentar, aqui, o que eu comprei com o meu trabalho, aqui, o que eu consegui com o meu trabalho. Foi minha vida que mudou, depois que eu trabalhei, foi meus</p>	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.

				pensamentos mudaram depois que eu trabalhei”.	
44	Trabalho Infantil 08	02:45	03:12	“Eu sonho em casar com uma mulher que goste de mim (...), que seja trabalhadora como eu fui, como eu sou (...), eu tenho vontade de ter três filhos. Três filhos que me dê alegria, que seja metade do que eu fui”.	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
45	Trabalho Infantil 08	03:45	03:59	“Se daqui pra lá eu tiver dinheiro, é claro que eles vão trabalhar sim, mais num trabalho que seja compatível a eles (...). Eu não quero que meus filhos nasçam e sejam mimados, que tudo que precise tenha que pedir a mim.	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
46	Trabalho Infantil 08	04:09	04:42	Eu quero que eles estudem primeiramente, mais vão trabalhar, se a menina for mulher ela num vai trabalhar não, mais ela vai fazer as coisas dentro de casa e vai ajudar a mãe. Agora se for dois meninos homens ou os três, vão trabalhar ou até mesmo vou botar pra eles fazer alguma coisa dentro de casa. Eu vou	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.

				<p>sempre ta incentivando o trabalho, porque se eu não incentivar, quem é que vai incentivar, se eu não dizer, quem é que vai dizer, se eu não mostrar pra eles, quem é que vai mostrar, a sociedade não está mais ligando pra o que vai acontecer, aconteceu já foi”.</p>	
47	Trabalho Infantil 08	05:29	06:40	<p>O adolescente fala o que precisa ser feito para que crianças e adolescentes não precise trabalhar: “Pra que crianças e adolescentes não precise trabalhar, o governo vai ter que dar mais oportunidades, o governo vai ter que conseguiu as coisas, fazer projeto de doar as coisas, para que assim, que mande (...). Sempre mande coisas para as crianças do Brasil. Como manda dinheiro, num manda do Projovem?, porque que nesses projetos num presenteia as pessoas que participam dele com um celular, ou um sapato,</p>	<p>Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.</p>

				<p>uma roupa, uma camisa, ou alguma coisa que (...), possam fazer, botar agricultura pras crianças ver como é que se planta, pras crianças ver como é que se trabalha. (...), fazer projetos de esporte, fazer mais campeonatos nas cidades, conseguir oportunidades para que famílias pobres tenham sua vontade de sorrir, tenham tudo que precisa assim devidamente em coisa, em bem material, emocional psicológico”.</p>	
48	Trabalho Infantil 08	07:54	08:17	<p>“Se eu não tivesse trabalhando como é que eu ia comer de fartura? Como é que eu ia ter minhas coisas? Como é que eu ia ter...? Vendendo droga? Roubando? Fazendo o que? Sendo aviãozinho de traficante? Não adianta, isso não vai levar a nada. O que é que ta havendo em Retiro? Coisas que são misteriosas, mas, muitas coisas, é porque aquelas pessoas que passaram por</p>	<p>Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.</p>

				aquilo, é porque não tiveram oportunidades na vida”.	
49	Trabalho Infantil 08	08:22	08:59	<p>“Eu trabalhei por vontade própria. Meu pai sempre me deu a vontade de trabalhar, trabalhe meu filho pra ter suas coisas. Sempre me deu conselho. Mas eu falei, eu quero trabalhar porque eu quero. Primeiro eu comecei com a meta de um Playstation 2, eu tenho vontade dessa meta desde 2004, que lançou que era caro. Essa meta é minha, essa meta é de quem quisesse essa meta trabalhe (...). Eu tive minha vontade de ter essa meta então eu trabalhei, fui pra cima, fui pra a sociedade naquele mundão, naquele mundo do cão como diz o povo, cair pra dentro, trabalhei e consegui meu Playstation, consegui”.</p>	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.
50	Trabalho Infantil 08	10:04	10:27	<p>“Meus amigos também tinham os que não precisavam trabalhar e os pais davam, há eu tenho um tablet, eu tenho um</p>	Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.

				<p>celular, e eu via que é uma tecnologia que lhe faz bem, uma coisa que tem os seus jogos, que sempre um adolescente vai querer um celular para bater papo, começar um romance também com uma pessoa, pra começar a conhecer pessoas novas, pra conhecer o mundo como ele é, notícia, eu sempre tenho vontade de ler notícia de ver qual é a notícia mundial”.</p>	
51	Trabalho Infantil 08	10:40	10:50	<p>“Eu tive vontade de ter, porque eu via meus amigos tendo e eu via que era bom e tive vontade de ter, ai eu falei vamos pra cima, vamos trabalhar”.</p>	<p>Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.</p>
52	Trabalho Infantil 08	10:56	11:35	<p>“O ruim do trabalho é que você vai criar calos nas mãos, você pode se cortar, você pode pegar alguma doença, através de uma gripe se tornar uma sinusite, como através de uma gripe minha se tornou uma sinusite, você pode machucar sua coluna, como também eu sinto um pouco da coluna,</p>	<p>Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.</p>

				<p>você pode também ter um psicológico, assim, também que não seja, assim, tão bem por causa que o trabalho lhe tomou a maioria das vezes algumas coisas, você pode quebrar uma perna, quebrar um braço, você pode dar uma hérnia, você pode ter vários tipos de coisas”.</p>	
53	Trabalho Infantil 08	13:11	13:31	<p>“O trabalho infantil existe por causa da miséria, da pobreza, da baixa classe. Por causa da falta de oportunidade para pobres e humildes. O trabalho Infantil existe, porque aquelas crianças não têm tudo que o rico têm, tudo o que eles pode consegui, não tem”.</p>	<p>Adolescente sentado. Ao fundo tem um pé de coqueirinho e um muro branco.</p>

MATÉRIA: Entrevista com a criança Juliedson de Souza Reis – 10 anos de idade

LOCAL: Sede do Município de Retirolândia

Plano	Fita	TEMPO		ÁUDIO	IMAGEM
		Início	Final		
01	Trabalho Infantil	01:08	01:14	“De manhã eu vou pra casa de meu avô e fico lá	Criança sentada dentro de um carro de mão, contando

	06			até de noite. Quando é de noite eu vou dormir na casa de minha mãe (...)"	sua história de vida.
02	Trabalho Infantil 06	03:47	03:49	"A escola é ruim, porque não tem brincadeira".	Criança sentada dentro de um carro de mão, contando sua história de vida.
03	Trabalho Infantil 06	05:07	05:11	"Comecei a trabalhar com oito anos e estou até hoje na feira livre".	Criança sentada dentro de um carro de mão, contando sua história de vida.
04	Trabalho Infantil 06	05:30	05:33	"Trabalhando na feira livre eu ganho dez, vinte por semana".	Criança sentada dentro de um carro de mão, contando sua história de vida.
05	Trabalho Infantil 06	07:03	07:15	"Quando eu acordo, eu vou pra escola, aí fico lá, aí quando dá meio dia, eu almoço lá, vou em casa tomar banho e volto, aí fico. Quando dá quatro e meia eu vou pra casa do meu avô, quando dá sete horas eu vou pra casa dormir".	Criança sentada dentro de um carro de mão, contando sua história de vida.
06	Trabalho Infantil 06	08:25	08:28	"Eu acho certo que criança trabalhe porque é melhor do que roubar".	Criança sentada dentro de um carro de mão, contando sua história de vida.
07	Trabalho Infantil 06	09:07	09:14	O trabalho serve pra os dois (...), pra os adultos e pras crianças".	Criança sentada dentro de um carro de mão, contando sua história de vida.
08	Trabalho Infantil 06	09:36	09:40	"Pra mim o trabalho não é ruim (...)"	Criança sentada dentro de um carro de mão, contando sua história de vida.
09	Trabalho Infantil	10:31	10:34	"O trabalho não cansa, porque o trabalho não é	Criança sentada dentro de um carro de mão, contando

	06			um trabalho pesado”.	sua história de vida.
10	Trabalho Infantil 06	12:03	12:06	“O que eu ganho na feira eu dou a metade pra minha mãe e o resto eu guardo”.	Criança sentada dentro de um carro de mão, contando sua história de vida.
11	Trabalho Infantil 06	12:27	12:30	“Com o dinheiro que eu ganho, eu já comprei um cd de música pra mim”.	Criança sentada dentro de um carro de mão, contando sua história de vida.
12	Trabalho Infantil 06	13:56	13:59	“Eu não gosto de estudar, mas, o meu sonho é ser doutor, médico”.	Criança sentada dentro de um carro de mão, contando sua história de vida.
13	Trabalho Infantil 06	14:57	15:00	“Eu trabalho por vontade própria”.	Criança sentada dentro de um carro de mão, contando sua história de vida.
14	Trabalho Infantil 06	15:13	15:16	“O carrinho de mão foi o meu avô que me deu, que eu pedir a ele”.	Criança sentada dentro de um carro de mão, contando sua história de vida.
15	Trabalho Infantil 06	18:35	18:38	“Aqui em Retirolândia falta muitos brinquedos nas praças para a gente brincar”.	Criança sentada dentro de um carro de mão, contando sua história de vida.
16	Trabalho Infantil 06	18:52	19:00	Nesse momento ele fala como as pessoas iam sobreviver sem dinheiro.	Criança sentada dentro de um carro de mão, contando sua história de vida. Ele se abaixa e pega a sandália para concertar.
17	Trabalho Infantil 06	19:15	19:20	“Se as pessoas não trabalhassem, todo mundo ia ter que roubar pra sobreviver”.	Criança sentada dentro de um carro de mão, contando sua história de vida.

MATÉRIA: Entrevista com a Adolescente Marília dos Santos Silva – 17 anos de idade.

LOCAL: Povoado de Jitáí.

Plano	Fita	Início	Final		Imagem
01	Trabalho Infantil 06	20:31	20:40	“Meu nome é Marília dos Santos Silva, tenho um filho chamado (...), o nome é Edgar (...). Eu tenho a idade de 17 anos”.	Adolescente sentada em um sofá, na sua casa, dando entrevista.
02	Trabalho Infantil 06	21:17	21:46	“Comecei a trabalhar com cinco anos. Assim quando eu completei oito anos fui pra o vale, depois eu engravidei de Edgar com quatorze anos, fui pra o motor trabalhar pra eu comprar as roupas pra ele e pra mim, ai quando eu interei os nove mês tive que parar (...), pari ele, to trabalhando na casa de um idoso, tomando conta de um idoso, e assim vou levando a vida, continuando, trabalhando”.	Adolescente sentada em um sofá, na sua casa, dando entrevista.
03	Trabalho Infantil 06	21:59	22:17	“É melhor trabalhar de que ficar aqui na rua brigando com os meninos, porque eu era muito encrenqueira, ai como mainha me levava pra o motor, eu ficava lá,	Adolescente sentada em um sofá, na sua casa, dando entrevista.

				ajudava botar palha no motor, trabalhava até dia de sábado, dia de domingo estendendo fibra mais mainha, e assim ia”.	
04	Trabalho Infantil 06	22:27	22:50	“Mainha levava nós, era meus irmãos tudo, nós ia pra num ver ela sofrendo, até hoje nós ajuda ela, antes de nós ir para escola, nós barre a rua mais ela, faz tudo mais ela, e assim nós vai indo. (...) Eu trabalho na casa do idoso, né, pra eu ter as coisas pra mim e pra o meu filho. (...) ganho cinquenta reais, o que eu ganho me selve, né?”	Adolescente sentada em um sofá, na sua casa, dando entrevista.
05	Trabalho Infantil 06	23:50	24:34	“O ruim de trabalhar na infância, é porque se coçava, tinha que levantar cedo pra ir, a menina que estendia mais eu num andava nigerro, era eu sozinha se arrombano, passei por muita luta, de cobra me morder eu grávida do menino, se cortei ne um vidro lá, passei um bucado de dia com o pé pra cima, pensei que ia dar o teto. Fui pra o	Adolescente sentada em um sofá, na sua casa, dando entrevista.

				<p>hospital e a mulher falou assim, não tem como você trabalhar mais, ai mainha começou a comprar as coisas pra meu filho, ai eu desistir não trabalhei mais</p> <p>(...) Ai to ai só trabalhando na casa de um velho, ajudando um velho, que não é nada de mais a pessoa barrer uma casa, passar pano, lavar os panos dele, não é nada de mais hoje fazer isso, né”.</p>	
06	Trabalho Infantil 06	25:23	25:34	<p>“Num era pra nós trabalhar, nós de menor, como tem esse projeto projovem, como a professora minha tava falando, já botou mesmo pra nós de menor não trabalhar, os pais que dá de tudo a nós”.</p>	Adolescente sentada em um sofá, na sua casa, dando entrevista.
07	Trabalho Infantil 06	26:09	26:19	<p>“Eu gostaria que minha vida fosse assim (...) eu não queria ter filho, mais como Deus me deu né, queria estudar, ser uma professora, ou então ser uma médica, ser alguma coisa na vida”.</p>	Adolescente sentada em um sofá, na sua casa, dando entrevista.
08	Trabalho Infantil	26:32	26:52	<p>“Painho fica dizendo há num estuda não, tem que</p>	Adolescente sentada em um sofá, na sua casa, dando

	06			tomar conta de teu filho, isso e aquilo. Eu falo assim, painho, se eu estudar, quando eu chegar nos lugar eu vou ter alguma coisa na vida, quando eu chegar nos lugar que eu sair pra o meio do mundo eu vou ler as coisas pra eu não se perder nos lugar, isso e aquilo, ai painho fala, há mais você não deveria ter parido nova, ai agora arrina ai dentro de casa”.	entrevista.
09	Trabalho Infantil 06	27:39	27:58	“Estudar, num trabalhar, num bagunçar na sala de aula, pra amanhã a depois ser alguém na vida, é como os professor fala direto com nós na sala de aula, que se nós estudar nós vai ser alguém na vida, se nós num estudar nós num é ninguém, e assim tem que ir né (...)”.	Adolescente sentada em um sofá, na sua casa, dando entrevista.
10	Trabalho Infantil 06	29:04	29:21	“Nós temos que se por em nosso lugar, estudar, num pensar ne ficar só naquela vida, naquele mundão, como tem muitas jovens que só vive bebendo cachaça, diz que estudo	Adolescente sentada em um sofá, na sua casa, dando entrevista.

				<p>pra ela, diz que estudar hoje é ladrão, quem estuda é ladrão. Então, se nós for nessa, nós perde feio, é isso que eu falo com muitas amigas minha”.</p>	
11	Trabalho Infantil 06	31:37	31:57	<p>“Eu tenho um primo meu mesmo que não liga pra estudar, a mãe meteu no motor, ele num acha que o motor é melhor de que o estudo (...). Já eu não, eu acho diferente, eu acho que o estudo é melhor de que o motor, eu quero dez mil vezes estudar de que ir pra o motor, hoje num quero ir mais não, me arrependi um bando.</p>	Adolescente sentada em um sofá, na sua casa, dando entrevista.
12	Trabalho Infantil 06	32:53	33:20	<p>É como diz, já bota o projovem e a escola já pra as crianças num trabalhar mesmo, e o vale, já mode isso mesmo, porque é de menor. Quando eu trabalhava ou então muitos meninos de menor aí, os povos dizia, há vou denunciar no Conselho Tutelar, vou entregar o Conselho Tutelar, isso e aquilo. Quando era de</p>	Adolescente sentada em um sofá, na sua casa, dando entrevista.

				menor pequenininho que mainha levava pra o motor, muitas mães aí que levava pra o motor, aí tinha muita gente que ia lá no Conselho Tutelar, falava, aí dizia assim ante tivesse no motor de que tiver na rua brigando”.	
13	Trabalho Infantil 06	39:19	39:44	“O futuro que eu quero pra o meu filho, é que meu filho estude, seja alguém na vida, fazer faculdade, e num desistir na escola que nem eu que desistir um tempo e agora que eu voltei atrás do estudo, (...) ele não trabalhar, eu dar de tudo que meu filho precisar, quando tiver maior que ele quiser outra vida ele escolhe, se ele quiser trabalhar ele trabalha, agora de menor não, eu quero que ele estude, seja alguém na vida”.	Adolescente sentada em um sofá, na sua casa, dando entrevista.

Roteiro de edição do Vídeo Documentário Pequenos Trabalhadores

“PEQUENOS TRABALHADORES”

Um documentário sobre o trabalho infanto-juvenil em Retirolândia/Ba

(12:00 min, digital, colorido, 2013)

→ 1ª Sequência: Apresentação do vídeo (Abertura)

Iniciar vídeo com a Música “Eu Louvei” de (Adão Negro), do início, na parte que uma voz de criança fala dos direitos da criança. Nesse momento deve está passando imagens dos adolescentes e criança que foram entrevistadas. Primeiro aparece à imagem da adolescente Marília, rindo e balançando a cabeça em câmera lenta, como que diz não. Depois de uns 03 segundo, aparece à imagem do adolescente Jonatas, também em câmera lenta, emocionado com lagrimas descendo pelo seu rosto, o tempo da imagem é de uns 03 segundos também. Em seguida aparece a imagem do adolescente Matias, em câmera lenta, sentado conversando, porém sua voz não aparece só à imagem, e demora uns quatro segundos. Por último aparece a imagem da criança Juliedson, sentado dentro de um carro-de-mão concertando sua sandália. Este seguimento de imagens em câmera lenta dura em média 15 segundo que também é o tempo que a criança na música “Eu Lovei” de Adão Neegro, finaliza sua fala sobre os direitos da criança. Aqui entra um efeito de transição e aparece em um fundo preto, o título do nosso vídeo e o subtítulo, ao som da Música “Guerreiro” de (Quinteto Armorial 1). Quando some o título e subtítulo do vídeo, a trilha (Música “Guerreiro”) continua tocando e começa a aparecer em câmera lenta imagens do adolescente Matias trabalhando, de crianças trabalhando na feira e de crianças e adolescente jogando futebol mostrando o outro lado da realidade. Essa parte do vídeo que começa na apresentação do título e subtítulo do vídeo e termina aqui, dura em média 20 segundos.

→ 2ª Sequência: Adolescentes e Criança falando sua opinião sobre o trabalho infantil e sobre suas vidas

Essa sequência inicia com um insert da imagem do Jonatas empurrando um carro-de-mão, carregado de verduras pela feira-livre, a imagem vai passando em câmera lenta, ao som da voz do próprio Jonatas, que fala: “Trabalhar é uma coisa que lhe inspira, trabalhar é uma coisa que lhe mostra um verdadeiro sentido de viver. Trabalhar é uma coisa tão inspiradora que quando você tá trabalhando você só tá lembrando de cumprir seu serviço”. A imagens de inset de Jonatas na feira-livre fica passando por uns 7 segundos e depois aparece o próprio Jonatas falando a fala citada acima. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 02 COM INICIO: 38:11 E FIM: 38:26, COM DURAÇÃO DE 15 SEGUNDOS DE FALA. Depois aparece a criança Juliedson falando: ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 06 COM INICIO: 08:25 E FIM: 08:28, COM DURAÇÃO DE 03 SEGUNDOS DE FALA. Aqui aparece um insert da imagem da criança Juliedson, trabalhando na feira livre, empurrando um carro-de-mão. A imagem aparece, ele sendo filmado de costa para a câmera. Antes de a imagem de insert de Juliedson desaparecer, já aparece a fala de Jonatas que diz: “O cara que trabalha tem valor na vida, porque você vai ter a consideração dos outros, você já vai ter um nome de respeito na praça, as pessoas vão lhe dar confiança, as pessoas vão confiar mais em você. Vão dizer aquele menino é trabalhador, ele ta trabalhando, ele ta conseguindo cumprir as metas dele”. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 02 COM INICIO: 40:10 E FIM: 40:31, COM DURAÇÃO DE 21 SEGUNDOS DE FALA. Jonatas continua sua fala: “Se eu não tivesse trabalhando como é que eu ia comer de fartura? Como é que eu ia ter minhas coisas? Como é que eu ia ter? Vendendo droga? Roubando? Fazendo o que? Sendo aviãozinho de traficante?”. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 08 COM INICIO: 07:54 E FIM: 08:17, COM DURAÇÃO DE 23 SEGUNDOS DE FALA.

Depois aparece a adolescente Marília falando: “Comecei a trabalhar com cinco anos. Assim quando eu completei oito anos fui pra o vale, depois eu engravidei de Edigar com quatorze anos, fui pra o motor trabalhar pra eu comprar as roupas pra ele e pra mim, ai quando eu interei os nove mês tive que parar (...), pari ele, to trabalhando na casa de um idoso, tomando conta de um idoso, e assim vou levando a vida. Continuando, trabalhando”. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 06 COM INICIO: 21:17 E FIM: 21:46, COM DURAÇÃO DE 29 SEGUNDOS DE FALA.

Depois aparece o adolescente Matias, que fala: “Comecei a trabalhar com 12 anos de

idade, porque às vezes a pessoa precisa comprar alguma coisa, que nem uma roupa, (...), ter minhas coisas do uso”. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 01 COM INICIO: 24:22. O adolescente Matias continua falando, “Sempre gostei de trabalhar, via as pessoas com dinheiro, e eu não podia comprar nada, aí, ficava aquele negócio na cabeça, sempre pra trabalhar quando eu tivesse maior eu não vou pra o colégio mais não. Aí, sempre meu pai não foi aquele pai presente na família, sempre só fez, só, fazzer mesmo e deixou de lado, aí, eu nunca gostei dele assim pra falar assim, ele é um pai presente. E minha mãe sempre me ajudou, mas só que ela não pode ajudar que nem todos pensam, ta entendendo, mas ela sempre me ajudou”. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 01 COM INICIO: 23:07 E FIM: 24:13, COM DURAÇÃO DE 61 SEGUNDOS DE FALA.

Depois aparece a adolescente Marília falando: “Pra num ficar aqui na rua, aí mainha levava nós, era meus irmãos tudo, nós ia pra num ver ela sofrendo, até hoje nós ajuda ela, antes de nós ir para escola, nós barre a rua mais ela, faz tudo mais ela, e assim nós vai indo. (...) Eu trabalho na casa do idoso né pra eu ter as coisas pra mim e pra o meu filho. (...) ganho cinqüenta reais, o que eu ganho me selve né?”. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 06 COM INICIO: 22:27 E FIM: 22:50, COM DURAÇÃO DE 23 SEGUNDOS DE FALA. A adolescente Marília continua: “O ruim de trabalhar na infância, é porque se coçava, tinha que levantar cedo pra ir, a menina que estendia mais eu num andava nigerro, era eu sozinha se arrombano, passei por muita luta de cobra me morder eu grávida do menino, se cortei ni um vidro lá, passei um bucado de dia com o pé pra cima, pensei que ia dar o teto. Fui pra o hospital e a mulher falou assim, não tem como você trabalhar mais, ai mainha começou a comprar as coisas pra meu filho, ai eu desistir não trabalhei mais. (...) Ai to ai só trabalhando na casa de um velho, ajudando um velho que não é nada de mais, a pessoa barrer uma casa, passar pano, lavar os panos dele, não é nada de mais hoje fazer isso né”. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 06 COM INICIO: 23:50 E FIM: 24:34, COM DURAÇÃO DE 44 SEGUNDOS DE FALA.

Depois aparece a imagem da criança Juliedson sentado dentro de um carro-de-mão, falando: “Comecei a trabalhar com oito anos e estou até hoje trabalhando na feira livre”. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 06 COM INICIO: 05:07 E FIM: 05:11, COM DURAÇÃO DE 04 SEGUNDOS DE FALA. Aqui aparece um insert com a imagem da criança Juliedson na feira-livre, enquanto o sonora é a sua própria

voz, falando: ***“Trabalhando na feira livre eu ganho dez, vinte por semana”***. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 06 COM INICIO: 05:30 E FIM: 05:33, COM DURAÇÃO DE 03 SEGUNDOS DE FALA. Em seguida aparece a imagem do adolescente falando: ***“O que eu ganho na feira eu dou a metade pra minha mãe e o resto eu guardo”***. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 06 COM INICIO: 12:03 E FIM: 12:06, COM DURAÇÃO DE 03 SEGUNDOS DE FALA.

Depois aparece a adolescente Marília falando: ***“Num era pra nós trabalhar, nós de menor”***. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 06 COM INICIO: 25:23. A adolescente continua falando: ***“Eu gostaria que minha vida fosse assim... eu não queria ter filho, mais como Deus me deu né, queria estudar ser uma professora, ou então ser uma médica, ser alguma coisa na vida”***. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 06 COM INICIO: 26:09 E FIM: 26:19, COM DURAÇÃO DE 10 SEGUNDOS DE FALA.

Depois aparece o adolescente Matias falando: ***“O trabalho infantil não é nada bom, não é nada legal pra ninguém, pra as crianças”***. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 02 COM INICIO: 23:16 E FIM: 23:22, COM DURAÇÃO DE 06 SEGUNDOS DE FALA. O adolescente Matias continua: ***“Se eu tivesse uma condição para ajudar minha mãe sem trabalhar, pra mim era ótimo, porque, pra falar a verdade, assim se fosse um trabalho melhor, que a pessoa ganhasse alguma coisa a mais, só que nesses trabalhos não ganha muito. Mas, se fosse pra escolher assim uma vida melhor, eu preferia estudar, mas, só o pessoal fala sempre também que é bom estudar, mas só que na minha idade, já, pra pessoa concluir é muito tarde, já”***. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 01 COM INICIO: 27:22 E FIM: 27:53, COM DURAÇÃO DE 31 SEGUNDOS DE FALA. O adolescente continua falando: ***“Eu participava do PETI, mais foi preciso sair porque, o pessoal falava sempre o PETI é (...), sempre o governo mandava um dinheiro pra o pessoal do PETI, aí que nem, minha mãe não podia me dá, me dava só cinco reais, aí, eu achava muito pouco. Sair antes da data certa. Fui pra o trabalho comecei a ganhar mais, aí, minha mãe continuou tirando o dinheiro do PETI, aí, depois parou de tirar, aí, ela falou que tinha parado de tirar o dinheiro do PETI, aí, pediu pra eu voltar, mas só que, por exemplo, no PETI eu tava ganhando R\$ 30,00 reais e onde eu tava trabalhando eu tava ganhando R\$ 60,00, e por semana, aí, eu falei, não mãe eu to ganhando dinheiro a mais, uma vez a mais do que o dinheiro do PETI, e ainda por semana, num mães aí, eu ganho três a quatro vezes a mais, ta cendo***

melhor, aí, ela falou ta certo, já que você não quer ir pra o PETI, você vai trabalhar então, aí, eu falei, ta certo é ótimo pra mim”. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 02 COM INICIO: 23:32 E FIM: 24:30, COM DURAÇÃO DE 58 SEGUNDOS DE FALA.

Depois a adolescente Marília aparece falando: “Painho fica dizendo, há num estudar não, tem que tomar conta de teu filho, isso e aquilo. Eu falo assim, painho se eu estudar, quando eu chegar nos lugar eu vou ter alguma coisa na vida, quando eu chegar nos lugar que eu sair pra o meio do mundo eu vou ler as coisas pra eu não se perder nos lugar, isso e aquilo, ai painho fala há mais você não deveria ter parido nova ai agora arrina ai dentro de casa”. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 06 COM INICIO: 26:32 E FIM: 26:52, COM DURAÇÃO DE 20 SEGUNDOS DE FALA.

A adolescente Marília continua falando: “Nós temos que se por em nosso lugar, estudar, num pensar ni ficar só naquela vida, naquele mundão, como tem muitas jovens aí, que só vive bebendo cachaça, diz que estudo pra ela, diz que estudar hoje é ladrão, quem estuda é ladrão. Então, se nós for nessa, nós perde feio, é isso que eu falo com muitas colegas minha”. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 06 COM INICIO: 29:04 E FIM: 29:21, COM DURAÇÃO DE 17 SEGUNDOS DE FALA.

→ 3ª Sequência: Criança e Adolescentes falando sobre a escola.

Aqui, a criança Juliedson aparece falando: “Eu não gosto de estudar, mas o meu sonho é ser doutor, médico”. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 06 COM INICIO: 13:56 E FIM: 13:59, COM DURAÇÃO DE 03 SEGUNDOS DE FALA.

Depois aparece o adolescente Jonatas falando: “Eu não gosto de estudar porque, porque a educação do Brasil é péssima, eu não gosto de estudar porque a educação do Brasil não lhe dar oportunidades tanto como você pensa. Cadê as oportunidades do Brasil? Cadê as oportunidades dos brasileiros?”. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 07 COM INICIO: 10:47.

Depois aparece o adolescente Matias falando: “Comecei a estudar em 2010 fora daqui, na quinta sério, aí, perdi em 2010,, aí, em 2011 eu comecei estudar só no início e desistir, em 2012 eu desistir também, quer dizer, em 2012 eu não fui estudar mais, aí, em 2013 eu comecei a estudar, que foi esse ano, no inicio, aí, estudei só dois meses,

estudei no Militão Rodrigues, depois voltei pra Laginha de novo, aí, depois desistir". ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 01 COM INICIO: 26:39. O adolescente continua falando: "Na escola também é bom, mas só que, eu não gosto de estudar. A pessoa tem que ficar lá sentado a tarde quase toda, escrevendo, aí fica chato o colégio, é por isso que eu não gosto de estudar". ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 01 COM INICIO: 34:55. O adolescente continua falando: "Têm uns professores também que é chato, as vezes a pessoa não faz uma atividade, eles já quer botar observação, aí, aquilo ali, com três a pessoa já vai e perde de ano". ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 01 COM INICIO: 35:27. O adolescente continua falando: "Se for pra eu preferir colégio ou trabalho, eu prefiro trabalho. Não que seja obrigado, mais sempre eu gostei de trabalhar (...)". ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 01 COM INICIO: 25:19. Do meio dessa fala pra frente, começa a sonora com a Música "Repentes" de (Quinteto Armorial 2). E começa a aparecer um insert com a imagem do adolescente Matias trabalhando no motor de sisal, e segue com inserts de imagens de crianças e adolescentes na feira-livre e depois imagens de Jonatas empurrando um carro-de-mão na rua.

→ 4ª Sequência: O adolescente Jonatas fala sobre suas metas, sobre a parte ruim do trabalho e juntamente com o Adolescente Matias, falam sobre o porquê que o trabalho infantil existe.

Aqui aparece a sonora da fala de Jonatas enquanto ainda passa a imagem dele na rua empurrando um carro-de-mão, e depois aparece a imagem dele continuando a fala: "Eu trabalhei por vontade própria. Meu pai sempre me deu a vontade de trabalhar, trabalhe meu filho pra ter suas coisas. Sempre me deu conselho. Mas eu falei, eu quero trabalhar porque eu quero, ter, primeiro eu comecei com a meta de um Playstation 2, que eu tenho vontade dessa meta desde 2004, que lançou que era caro. Eu tive minha vontade de ter essa meta então eu trabalhei, fui pra cima, fui pra a sociedade naquele mundão, naquele mundo do cão como diz o povo, cair pra dentro, trabalhei e conseguir meu Playstation, conseguir". ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 08 COM INICIO: 08:22. O adolescente Jonatas continua falando: "O ruim do trabalho é que você vai criar calos nas mãos, você pode se cortar, você pode pegar alguma doença

através de uma gripe se tornar uma sinusite, como através de uma gripe minha se tornou uma sinusite, você pode machucar sua coluna, como também eu sinto um pouco da coluna, você pode também ter um psicológico, assim também, que não seja assim tão bem por causa que o trabalho lhe tomou a maioria das vezes algumas coisas, você pode quebrar uma perna, quebrar um braço, você pode dar uma hérnia, você pode ter vários tipos de coisas”. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 08 COM INICIO: 10:56 E FIM: 11:35, COM DURAÇÃO DE 39 SEGUNDOS DE FALA.

Depois aparece o adolescente Matias falando: “O trabalho infantil pra mim é uma coisa que eu não queria pra nenhuma criança, porque se os pais pudessem dá algo de melhor, um futuro melhor para as crianças (...). Se eu tivesse um filho eu não colocaria pra trabalhar desde pequeno”. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 02 COM INICIO: 22:31 E FIM: 22:59, COM DURAÇÃO DE 19 SEGUNDOS DE FALA. O adolescente continua falando: “Se eu tivesse um filho eu queria que ele estudasse até concluir e arrumar um trabalho melhor pra ter um futuro melhor”. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 01 COM INICIO: 33:44.

Aparece o adolescente Jonatas falando: “O trabalho infantil existe por causa da miséria, da pobreza, da baixa classe, por causa da falta de oportunidade para pobres e humildes. O trabalho Infantil existe porque aquelas crianças não têm tudo que o rico tem, tudo que eles pode conseguir não tem”. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 08 COM INICIO: 13:11 E FIM: 13:31, COM DURAÇÃO DE 20 SEGUNDOS DE FALA. Antes de o Adolescente Jonatas finalizar sua fala, aparece inserts de imagens de crianças e adolescentes que trabalham na feira-livre mostrando suas mãos, crianças e adolescentes com seus carrinhos na feira-livre, carregando feira em bicicleta e aparece o adolescente Matias trabalhando no motor.

Durante essas imagens, é tocada uma trilha sonora instrumental melancólica que provoca uma reflexão sobre as cenas exibidas.

→ 5ª Sequência: Os adolescentes falam sobre o futuro e seus sonhos

Aparece a adolescente Marília falando: “O futuro que eu quero pra o meu filho, é que meu filho estude, seja alguém na vida, fazer faculdade, e num desistir na escola que nem eu que desistir um tempo e agora que eu voltei atrás do estudo. Eu dar de tudo que

meu filho precisar”. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 06 COM INICIO: 39:19. Durante a fala, a adolescente aparece apenas no início, depois vai aparecendo inserts de imagens representativas do trabalho infanto-juvenil.

Antes de os inserts de imagens finalizarem, aparece a sonora na voz do adolescente Jonatas e depois de uns segundo ele aparece no vídeo. Nesse momento Jonatas fala: “O meu maior sonho? se tornar pastor (...) se tornar um sevo de Deus de verdade, pra mostrar pra todo mundo de Ritiro que me criticou, pra mostrar pra todo mundo que falou que eu não podia conseguir, pra mostrar pra todo mundo que disse, você não vai conseguir, porque você é pobre (o adolescente fala emocionado) Você não vai conseguir isso. Você não vai conseguir porque você é fraco, você não tem força. Mas na verdade o ser humano não tem, o ser humano na verdade, nós não sabe o que nós somos, nós somos que? pessoas que viramos a cara para um pobre, pessoas que quando temos uma coisa vazemos inveja a quem não tem”. ESTA FALA ESTÁ NA FITA TRABALHO INFANTIL 07 COM INICIO: 06:58 E FIM: 07:42, COM DURAÇÃO DE 44 SEGUNDOS DE FALA.

Após a fala de Jonatas, ainda ao som da trilha sonora instrumental melancólica que fica em BG na hora das falas, começam a aparecer imagens do adolescente Matias trabalhando e ele em frente a sua casa, olhando para a câmara.

Ainda enquanto vai passando essas imagens, a sonora da voz de Matias aparece e depois ele é mostrado no vídeo finalizando sua fala. Matias fala: “Na verdade eu não vejo nada no futuro, só trabalho pela frente só. (...) Meus sonho (...) é ter uma casa melhor, alguma coisa (...), só uma casa melhor, (...) só pra viver mesmo, (...) e sempre trabalhando”. Aqui no finalzinho da fala de Matias, a imagem fica em câmara lenta, quando ele fecha o olho e abre e abaixa a cabeça, tristemente. Assim o vídeo acaba e começa a aparecer os créditos ao som da trilha sonora “Natureza Distraída” de (Toquinho).

Observação: Durante o vídeo tem outros inserts de imagens enquanto os adolescentes e criança falam, principalmente o mesmo sujeito falando em planos diferente.

Ficha técnica do Vídeo Documentário Pequenos Trabalhadores

- Direção, Produção e Edição

Laudécio Carneiro da Silva e Paulo Geovane Magalhães

- Roteiro

Laudécio Carneiro da Silva e Paulo Geovane Magalhães

- Edição

Laudécio Carneiro da Silva e Paulo Geovane Magalhães

- Imagens

Rodrigo Carneiro

- Sonoplastia

Laudécio Carneiro da Silva e Paulo Geovane Magalhães

- Trilha sonora

Eu Louvei (Adão Negro)

Guerreiro (Quinteto Armorial 1)

Repentes (Quinteto Armorial 2)

Música Incidental

- Edição de imagens

Rodrigo Carneiro

- Entrevistados

Jonatas Nascimento de Oliveira

Juliedson de Souza Reis

Marília dos Santos Silva

Matias Ferreira dos Santos

- Orientação

Professora Dra. Rosane Vieira

- Agradecimentos

Agradecemos a Deus, aos nossos familiares e amigo, a professora Dra. Rosane Vieira e demais professores e colegas de sala que foram tão importantes na vida acadêmica, em especial a todas as crianças e adolescentes e seus familiares que contribuíram para a realização desse trabalho.